



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

LINDA DE JESUS CORREIA VIEIRA

**A Abertura ao Transcendente como alicerce do
“Viver Juntos”**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Mestre Cristina Sá Carvalho
Doutor Domingos Terra

Lisboa
2019

RESUMO

O presente Relatório decorre da Prática de Ensino Supervisionada na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e da reflexão feita a partir da primeira unidade letiva do 5.º ano: «Viver Juntos». Pretende-se refletir sobre a relação de interdependência que pode existir entre a nossa vida de relação com os outros e a abertura ao transcendente que nos caracteriza a todos. Baseado na tese e reflexão de Karl Rahner sobre a «experiência transcendental» constata-se a importância do desenvolvimento da nossa dimensão espiritual a fim de que esta se torne alicerce do nosso «Viver Juntos».

Começa-se por fazer, no primeiro capítulo, a apresentação da experiência da Prática de Ensino Supervisionada, dando a conhecer a escola e os alunos com quem se trabalhou, bem como, a unidade lecionada. O segundo capítulo será dedicado à reflexão do tema da unidade letiva lecionada: os desafios ao longo da história e na atualidade, a abertura à transcendência e o alicerce que esta pode ser para a experiência do «viver juntos». Finalmente, no terceiro e último capítulo, é apresentada uma proposta de ação de formação para pais e encarregados de educação, no sentido de partilharmos e refletirmos juntos sobre o tema da vida em comum e da necessidade de desenvolvermos a nossa abertura ao transcendente para melhor acompanharmos as crianças no seu desenvolvimento social.

Palavras-chave: «Viver Juntos», «Experiência Transcendental», Abertura à Transcendência, Dimensão Espiritual, Prática de Ensino Supervisionada, Educação, Desafio.

ABSTRACT

This report derives from the Supervised Teaching Practice in the Catholic Moral and Religious Education subject and the reflection made from the first teaching unit of the 5th year: "Living together". It is intended to reflect on the relationship of interdependence that can exist between our life of relationship with others and the openness to the transcendent that characterizes us all. Based on Karl Rahner's thesis and reflection on the "transcendental experience", the importance of the development of our spiritual dimension is evidenced, so that it becomes the foundation of our "Living Together". In the first chapter, we present the experience of Supervised Teaching Practice, introducing the school and the students with whom we worked, as well as the teaching unit. The second chapter is devoted to the reflection of the theme of the teaching unit taught: the challenges throughout history and nowadays, openness to transcendence and the foundation that this can represent for the experience of our "living together". Finally, in the third and final chapter, a proposal for a training action is presented for parents, in order to share and reflect together on the theme of life in common and the need to develop our *Openness to the Transcendent* to better accompany the children in their social development.

Keywords: «Living Together», «Transcendental Experience», Openness to Transcendence, Spiritual Dimension, Supervised Teaching Practice, Education, Challenge.

ÍNDICE

ÍNDICE.....	3
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	9
1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada.....	9
1.1. Caracterização da Escola.....	9
1.2. Caracterização da população discente	13
1.3. Caracterização da turma	14
2. Avaliar o percurso	16
2.1. Experiência em contexto escolar	16
2.2. Experiência letiva em sala de aula	18
3. Unidade Letiva 1- 5.º ano: “Viver Juntos”.....	28
3.1. Análise da Unidade Letiva: fundamentação da escolha.....	29
3.2. Identificação de interrogações que motivam o 2.º itinerário.....	31
CAPÍTULO II.....	34
1. O problema do “Viver juntos” hoje.....	35
1.1. A modernidade	36
1.2. A pós-modernidade	37
1.3. A atualidade	39
1.4. Aprender a “viver juntos”: uma finalidade da educação.....	42
2. A abertura à transcendência.....	45
2.1. O que é o homem?	46
2.2. O homem é desejo infinito	47
2.3. O homem é desejo de infinito	51
3. A abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos”.....	56

3.1. A abertura ao transcendente acontece na história.....	57
3.2. A abertura ao transcendente acontece no amor ao próximo	59
3.3. A abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos”	62
CAPÍTULO III: AÇÃO DE FORMAÇÃO PARA ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO	66
Introdução	66
1. Fundamentação Teórica	68
1.1. A Unidade Letiva: Viver Juntos	68
1.2. A relação Escola- Família: a formação parental	70
1.3. Trabalho Pedagógico com adultos	71
1.4. A abertura ao transcendente	74
2. Público-alvo	76
3. Planificação da Ação de Formação	77
4. Planificação das Sessões	79
CONCLUSÃO	90
BIBLIOGRAFIA	92
ANEXOS	95

INTRODUÇÃO

“Viver juntos” é não só uma urgência atual como uma necessidade antropológica. De facto, o ser humano só vive plenamente quando se abre à relação com o mundo e com o outro (e/ou Outro) porque esta é a forma com que realiza a sua abertura à transcendência. Esta certeza antropológica fundamenta a importância de uma unidade letiva que apresente os pressupostos para a vida em grupo. Mas esta aprendizagem é também uma urgência atual pelos inúmeros atentados à convivência humana a que vamos assistindo nos últimos anos. Os acontecimentos de terrorismo e violência, autodenominada religiosa, que temos testemunhado recentemente, colocam-nos diante da pergunta sobre a essência da vida em sociedade multicultural e religiosa. Tendo em conta que os alunos que temos hoje no ensino básico já nasceram num tempo em que os atentados à vida humana são uma realidade quase quotidiana, torna-se desafiador ensinar que é possível vivermos juntos, que a desconfiança e o medo não são a nossa natural forma de viver com os outros.

O presente Relatório decorre da experiência de Prática de Ensino Supervisionada (PES) da disciplina de EMRC a uma turma de 5.º ano da Escola Básica 2,3 de Santo António- Parede. O trabalho divide-se em três capítulos. A primeira parte apresenta e analisa a experiência da PES, centrando-se mais na dimensão pedagógica da experiência. Desta decorre uma reflexão e a necessidade de um aprofundamento teológico de uma das Unidades Letivas lecionadas: Viver Juntos. Esse núcleo de pesquisa no âmbito teológico constituiu o segundo capítulo do Relatório e divide-se em três partes. Na primeira, fazemos uma breve retrospectiva histórica do fenómeno da vida em grupo, analisando a atualidade no confronto com as exigências educativas que, a nível nacional e internacional, se vão proclamando pelas respetivas tutelas (Ministério da Educação, UNESCO). Conclui-se com a constatação da urgência do tema e apontando o cuidado da abertura à transcendência como um processo de desenvolvimento humano e inter-relacional.

A segunda parte do segunda capítulo apresenta a experiência transcendental defendida por Karl Rahner. Esta capacidade humana legitima a necessidade que todos os seres humanos têm de se abrirem aos outros e por isso, defendemos o conhecimento e aprofundamento da abertura ao transcendente para nela nos alicerçarmos na construção das relações humanas.

No ultima parte, defende-se a importância do cuidado desta experiência humana concretizando a forma como a abertura ao transcendente pode acontecer plenamente na vida humana: o amor ao próximo.

Finalmente o terceiro capítulo deste relatório consiste na apresentação de uma proposta de ação de formação para pais e encarregados de educação no sentido de lhes dar ferramentas para acompanharem os seus filhos e educandos na abordagem ao grande tema da vida em grupo e cuidado da dimensão espiritual.

CAPÍTULO I

1. Contextualização da Prática de Ensino Supervisionada

A minha Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizou-se no Agrupamento de Escolas de Parede, concretamente na Escola Básica Santo António- Parede, com um grupo de alunos do 5.º ano provenientes de várias turmas. O núcleo da PES era constituído por 4 professores estagiários: Linda Vieira, Mafalda Monteiro (que fez a sua Prática com o mesmo grupo de 5.º ano), Carlos Carvalho e Maria Oliveira que lecionaram numa turma de 6.º ano. Acompanhou-nos a professora de EMRC do Agrupamento, Luísa Carvalho como professora cooperante.

1.1. Caracterização da Escola

A Escola Básica Santo António de Parede situa-se na União das freguesias de Carcavelos e Parede, integrando o concelho de Cascais, que pertence ao distrito de Lisboa, abrangendo uma área de 8,11 Km², distando 6,5 Km da sede do Concelho, 12 Km de Lisboa. O início do seu funcionamento data do ano letivo 1972-73. O estabelecimento de ensino é constituído por um só edifício, com dois andares. Por determinação legislativa, desde o dia 2 de julho 2012, esta instituição educativa, juntamente com outras escolas (dois jardins de infância, três escolas básicas do 1.º ciclo e uma escola básica do 3.º ciclo e ensino secundário), faz parte do Agrupamento das Escolas de Parede (AEP).

A localidade de Parede, que até 1953 integrou a Freguesia de São Domingos de Rana, emancipou-se administrativamente, nesse mesmo ano, através do Decreto-Lei n.º 39208, abrangendo parte dos lugares de Buzano – localização precisa da escola sede do Agrupamento – Junqueiro, Madorna, Murtal, Penedo e Rebelva. No entanto, com a reorganização administrativa de 2013, fruto da Lei 11-A/2013 (de 28 de janeiro), passou a fazer parte da União de Freguesias de Carcavelos e Parede, com sede em Carcavelos.

Atualmente, a Freguesia de Carcavelos e Parede é uma das quatro freguesias que compõem o concelho de Cascais, estando limitada a sul pelo Oceano Atlântico, a nascente pelo concelho de Oeiras, a norte pela freguesia de S. Domingos de Rana e a poente pela União de Freguesias de Cascais e Estoril.

O Agrupamento de Escolas de Parede, que como dissemos, teve o seu início no dia 2 de julho de 2012, resulta da união do Agrupamento de Escolas de Santo António com a Escola Secundária Lopes Graça, onde se situa a sede, sendo composto pela Escola Secundária Lopes Graça, pelo Jardim de Infância de Parede, pela Escola Básica do 1.º ciclo n.º 2 de Parede, pela Escola Básica de 1.º ciclo com Jardim de Infância n.º 1 do Murtal, pela Escola Básica do 1.º ciclo n.º 2 de S. Domingos de Rana e pela Escola Básica de Santo António. Como podemos observar, este conjunto de seis estabelecimentos, responde a uma das exigências prescritas pelo Decreto-Lei 75/2008, a saber, «proporcionar um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos numa dada área geográfica e favorecer a transição adequada entre níveis e ciclos de ensino»¹.

Este tipo de organização geográfico-administrativa, apelidada de “mega agrupamento”, tem por objetivo fomentar a unidade entre as escolas e os estabelecimentos de educação pré-escolar de um mesmo concelho, favorecendo a integração dos mesmos nas comunidades a que servem e promovendo a interligação do ensino com as atividades económicas, sociais, culturais e científicas.

¹ Decreto-Lei n.º 75/2008, Artigo 6.º, n.º 1 a).

A União de Freguesias de Carcavelos e Parede, que alberga a Escola Básica de Santo António, onde decorre a nossa PES, tem uma área de 8,11 Km² e cerca de 45 000 habitantes, com uma densidade populacional de 5 549,6 habitantes por Km². Uma vez que ainda não existem dados geográficos e populacionais posteriores à nova configuração administrativa, recorreremos aos censos de 2011 para caracterizar esta nova freguesia, tal como mostra a tabela que se segue.

Freguesia	Área	População
Carcavelos	4,51 Km ²	23 347
Parede	3,60 Km ²	21 660
União de Freguesias	8,11 Km ²	45 007

Tabela1: A população (dados dos censos de 2011)²

Do ponto de vista da mobilidade social, podemos constatar facilmente que a localidade de Parede faz parte de uma freguesia heterogénea, pois, embora na sua maioria a população residente seja originária de Lisboa, também podemos constatar a presença de população do Brasil, de vários países africanos (Cabo-Verde de modo particular), de outras nações da Europa de Leste (Roménia e Ucrânia, por exemplo) e de etnia cigana, entre outras. Na tabela que se segue podemos observar um aumento constante da população residente e a consequente expansão, nem sempre devidamente planeada, de Parede.

TABELA 2: EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO³

1960	1970	1981	1991	2001	2011
9 054	14 221	20 094	20 742	17 830	21 660

² http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros, obtido em 28/11/2016.

³ http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/3_sociodemografia_socioeconomia_parque_habitacional.pdf, obtido em 28/11/16.

Como podemos observar, nos últimos 50 anos, a população residente regista um aumento exponencial, alterando os estilos de vida e a imagem da própria freguesia. Constatamos, por isso, um grande desenvolvimento desta freguesia, que graças ao seu microclima e às suas praias, é considerada zona de interesse terapêutico. Aliás, na viragem da década dos anos 30, com a construção da marginal e a remodelação da estrada Lisboa-Cascais, facilitando os acessos a Lisboa, esta localidade, tal como outras da Costa do Sol, desenvolveu-se atraindo população de classe média-alta.

De um modo genérico, os pais e encarregados de educação do AEP, na sua grande maioria, são trabalhadores por conta de outrem, operários e trabalhadores não qualificados, muitos deles em situação precária de emprego ou no desemprego. Aliás, o próprio agrupamento reconhece as fragilidades socioeconómicas de muitos dos agregados familiares e a verdadeira dificuldade que estas situações precárias significam na relação entre a família e a escola, nomeadamente, na urgência em acompanhar casos de risco. Assim, o AEP procura adaptar as suas práticas pedagógicas ao seu contexto social e ao perfil dos alunos, refletindo sobre as práticas do docente e oferecendo um atendimento personalizado através dos Serviços de Psicologia e de Apoios Educativos. Neste sentido, perante o aumento de défices afetivos e de socialização dos alunos, nomeadamente dos que vivem em condições socioculturais precárias e em situação de famílias desestruturadas, o agrupamento procura propor percursos escolares que respondam a todas estas problemáticas com respostas educativas adequadas.

Esta realidade social recorda-nos o que Arends refere em relação à pobreza, constatando que as classes sociais substituíram a ideia de raça⁴. Se outrora nos distinguíamos pela raça, hoje, numa sociedade capitalizada, a distinção faz-se pelo poder económico e pelo emprego. A crise económica portuguesa, que lançou muitas pessoas na amargura do desemprego, teve um efeito nefasto neste agrupamento de escolas, levando muitas famílias à destruturação e ao desespero. A situação familiar chega a ser muito grave, quando falamos, não apenas de desempregados,

⁴ C.f. R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 7.ª ed., Mc Graw Hill, Lisboa, 2008, 60-61.

mas de desempregados emigrantes. Um dos elos fundamentais do processo ensino/aprendizagem, a saber, a colaboração família/escola fica, assim, debilitado, dificultando este tipo de relação. Por outras palavras, dá-se uma descontinuidade ou até mesmo divergência entre a cultura da escola e a cultura da criança, que provém de um meio socioeconómico desfavorecido, embora sabendo que as dificuldades socioeconómicas não provocam por si, obrigatoriamente, insucesso escolar⁵.

Neste sentido, esta realidade social é uma realidade da Escola que se reflete necessariamente na nossa turma de PES, nomeadamente, nas dificuldades pedagógicas dos alunos.

1.2. Caracterização da população discente

A população escolar da Escola Básica de Santo António de Parede provém de um meio social diversificado, em que prevalece a classe média, embora com um número considerável de alunos numa situação económica precária. Outra das características é a multiculturalidade, pois, uma parte considerável dos alunos (mais de meia centena) provém de países como o Brasil, o Perú, Angola, Cabo Verde, Guiné, Bélgica, Holanda, Ucrânia, Romênia, Hungria, Bielorrússia, Bulgária, Rússia e China. Este mosaico social diversificado, quanto à etnia, raça, religião (verifica-se uma expressão significativa de alunos cristãos evangélicos) e classe social, constitui para a Escola um constante desafio, na medida em que o pluralismo cultural, ainda que seja sempre uma riqueza humana preciosa, possa provocar desavenças, incompreensões e até violência.

Estes riscos marcam uma presença constante no ato educativo e são motivo de reflexão, na medida em que a Escola, como espaço social educativo, deve ajudar a que este pluralismo

⁵ M. CHERKAOUI, *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, s.d., 53.

seja a oportunidade de um diálogo profundo, onde cada cultura – «modo de vida de um determinado grupo, as suas histórias, tradições, atitudes e valores»⁶ – narrando-se, possa também escutar a narrativa do outro, construindo o respeito e promovendo a liberdade.

Como comunidade educativa, a Escola tenta assim estabelecer pontes sólidas e transversais, entre os diferentes ciclos de ensino, procurando implementar planos de intervenção comunitária, sobretudo no que se refere à prevenção de comportamentos de risco, que ofereçam aos alunos um futuro possível e concretizável. Tem, por isso, uma especial atenção pelos alunos ditos “problemáticos”, que apresentam dificuldades na aprendizagem, levando a cabo projetos de inovação didático-pedagógica.

O lema da Escola – «uma casa de cultura, uma casa de aprendizagem e uma casa de afetos» – transparece bem este grande desafio que a multiculturalidade comporta. Tal como podemos ler no portal virtual da Escola, esta diversidade cultural, assumida como riqueza humana, sempre orientou o ato educativo desta comunidade no sentido de construir uma verdadeira «rede de afetos», que favoreça e concretize a integração cultural e social dos alunos, independentemente da sua proveniência.

1.3. Caracterização da turma

A turma de EMRC do 5.º ano é constituída por 16 alunos de 4 turmas diferentes (D, E, F e G), sendo 11 elementos do sexo feminino e 5 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos. Todos os alunos são de nacionalidade portuguesa, sendo dois deles de descendência estrangeira, nomeadamente brasileira e ucraniana. Uma aluna identifica-se

⁶ R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 61.

pertencente à religião cristã ortodoxa. Grande parte dos alunos provém das Escolas do 1.º ciclo do agrupamento e residem na União das Freguesias de Carcavelos e Parede.

Na sua maioria, frequentaram a disciplina de EMRC no 1.º ciclo e, no caso de 3, foram alunos da professora Luísa Carvalho nas suas escolas de origem. Dois alunos têm problemas saúde: um de visão e outro de audição e são abrangidas por um Programa Educativo Individual (PEI) ao abrigo do DL 3/2008 de 07 de janeiro.

Mais de metade da turma vem de famílias de classe económica média, tendo a maioria dos encarregados de educação o grau académico da licenciatura. Cinco alunos estão integrados em grupos paroquiais e advêm de núcleos familiares onde a religião é uma dimensão cuidada.

Em contexto de sala de aula a turma demonstrou-se bastante interessada destacando-se alguns elementos (8 alunos) pela sua participação de qualidade e sentido de oportunidade. Outros alunos (4 elementos) participavam apenas quando solicitados e muitas vezes nem sequer o conseguiam fazer pela tentativa de monopolização de discurso dos mais extrovertidos.

Houve quatro alunos (1 rapaz e três raparigas) que se destacaram, desde o início, pela boa capacidade de organização, responsabilidade e empenho. Dois alunos demonstraram, à partida, algum desinvestimento na disciplina, não trazendo o material necessário e procurando fazer do contexto da aula, um momento de recreio. Esta atitude, que caracterizou inicialmente a turma foi sendo ultrapassada com o decorrer das sessões. Os restantes alunos, cerca de 10, foram passando de uma postura passiva para uma atitude mais acolhedora das estratégias implementadas pela professora. Duas alunas destacaram-se pelo fraco aproveitamento escolar e três manifestaram excelente aproveitamento nesta área.

No que diz respeito a conhecimentos relacionados com a disciplina, a maioria corresponde às expectativas, destacando-se cinco elementos, que, motivados pelo contexto familiar, dominam, bastante, os temas abordados em aula.

2. Avaliar o percurso

2.1. Experiência em contexto escolar

A experiência realizada em contexto escolar foi positiva. No primeiro dia, a professora cooperante teve o cuidado de nos conduzir à Direção e de nos apresentar aos membros deste órgão. Fomos cordialmente acolhidos e foi-nos manifestada a disponibilidade de colaboração no nosso trabalho. A professora apresentou-nos a Escola Secundária Fernando Lopes Graça, sede de agrupamento, e posteriormente a Escola Básica de Santo António, onde decorreu a PES, dando a conhecer tanto os espaços físicos, como as características sociológicas da comunidade escolar. Tomámos conhecimento que existe uma comunidade significativa de alunos cristãos evangélicos e que, por esse motivo, a Escola oferece também a disciplina de Educação Moral e Religiosa Evangélica (EMRE) com quem a professora Luísa Carvalho partilhava alguns projetos.

No decorrer da PES tivemos a oportunidade de desenvolver, na comunidade, algumas iniciativas no âmbito da disciplina. Uma primeira ação desenvolveu-se no contexto da celebração da Declaração Universal dos Direitos do Homem em que dinamizámos um mural de comentários na biblioteca da Escola sobre o tema.

Na altura da preparação do Natal, fez-se um momento de convívio com os alunos de EMRC que consistiu na animação dos alunos com cânticos de Natal, bem como, com a proposta de um tema de reflexão sobre o verdadeiro sentido Natal. Seguiu-se um almoço partilhado com todos os alunos, na cantina da escola, preparado pelos professores estagiários e alguns alunos do 9.º ano.

No decorrer do 2.º período foi-nos solicitada a colaboração para a elaboração de uma apresentação para o encontro Interescolas dos 2.º e 3.º ciclos que se realizou em Fátima com outros alunos de EMRC da diocese de Lisboa, com o tema: “Para que tenham vida em abundância”. Tendo sido solicitada pela professora cooperante para a preparação deste momento, fiz uma dramatização do tema musical “*Everything*” do grupo Lifehouse, com a turma de 8.º ano e outros alunos da disciplina que se disponibilizaram a participar. Esta iniciativa fez-me aproximar mais dos alunos de EMRC dos diferentes anos, uma vez que pressupôs a minha presença na Escola noutros momentos que não os destinados à lecionação das aulas à turma do 5.º ano.

Ainda no 2.º período organizámos as Olimpíadas de EMRC a nível local, para o 2.º ciclo. Dinimizámos uma eliminatória em forma de concurso em que 6 ou 5 alunos, à vez, concorriam respondendo a questões de escolha múltipla. O júri era constituído por um professor estagiário e alguns alunos do 9.º ano. Os vencedores representaram o agrupamento nas Olimpíadas da zona de Cascais que se realizaram no Colégio Marista de Carcavelos. Acompanhei os alunos a este último encontro que decorreu da seguinte forma: da parte da manhã os alunos tiveram a oportunidade de participar em diferentes ateliers acompanhados pelos respetivos professores; no período da tarde realizou-se o concurso das Olimpíadas de EMRC.

As ações desenvolvidas no contexto escolar, fora da sala de aula, proporcionaram um contacto informal com os alunos e de grande aproximação dos mesmos. Nestas alturas criaram-se oportunidades de diálogo e fortalecimento de alguns temas da disciplina para os quais os alunos se encontram naturalmente predispostos, como por exemplo, temas relacionados com a moral cristã ou com a religião concretamente. A educação não formal completa, assim, a instrução que ocorre em sala de aula e que muitas vezes se vê limitada por problemas disciplinares e de organização do tempo letivo. Acrescente-se ainda o fator motivacional que se vê valorizado nestas situações, ou seja, os alunos demonstram maior

predisposição para a aprendizagem, pois, por um lado, não estão sobre a pressão da avaliação do professor, mas em contexto totalmente informal e por outro, a instrução decorre da solicitação dos próprios alunos.

2.2. Experiência letiva em sala de aula

A minha prática letiva procurou ser fiel à nobre e séria arte que é educar, com todas as limitações pessoais e humanas que me caracterizam e pelas circunstâncias que se prendem com o contexto de avaliação em que lecionei. Aproveito as três palavras escolhidas por Gage, citadas em Arends⁷, para procurar caracterizar a minha tentativa de chegar aos alunos e de, com eles, construir conhecimento: espontaneidade, cadência e ritmo. Mesmo estando em situação de avaliação, senti-me bastante à vontade em situação de aula. Sinto grande entusiasmo na missão do ensino e por isso, ainda que alguma ansiedade pudesse caracterizar-me no início das aulas, esta acabava por se dissipar no decorrer das mesmas. Deste modo, a espontaneidade é algo que naturalmente me caracteriza como professora, sobretudo com o 2.º ciclo, em que os alunos revelam ainda alguma dependência do professor, e maior sensibilidade para determinados temas. Por outro lado, as características da turma também contribuíram para isso, uma vez que os alunos, na sua maioria, eram bastante participativos e críticos. No que diz respeito à cadência e ao ritmo estes nem sempre foram bem conseguidos, uma vez que, constatei em alguns momentos a quebra de motivação e entusiasmo da turma. Esta prendeu-se com o facto de eu ter procurado estabelecer um clima sereno de aprendizagem, potenciando o silêncio, a disciplina, o autocontrolo, mas também a passividade e, conseqüentemente,

⁷ R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 4.

alguma inibição por parte dos alunos em participar e envolver-se. O facto de ter, ao início, dois alunos muito perturbadores do bom funcionamento da aula, fez com que fosse bastante exigente no que diz respeito à implementação da ordem em sala de aula. A desmotivação de alguns alunos pode ter-se devido, igualmente, ao grau de dificuldade da tarefa que não correspondia às suas exigências. «Se os alunos acham que uma tarefa é muito fácil (...) sentirão pouca necessidade de alcançar o sucesso e vão empenhar pouco do seu esforço»⁸. Um das tarefas deste género foi a dinâmica de apresentação, realizada na primeira aula, que acabou por se prolongar por demasiado tempo e tornar-se bastante repetitiva. Do mesmo modo, tudo o que implicava a escuta de uma exposição oral, era, normalmente, aceite com maior resistência por parte dos alunos. A relação criada com a turma, no decorrer do período, foi permitindo o conhecimento mútuo, o crescimento da empatia e da espontaneidade controlada dos alunos. Nessa altura, também, eu como professora, pude estabelecer um ritmo mais adequado às suas idades, implementando estratégias mais dinâmicas e construtivas como a construção de uma banda desenhada à semelhança das personagens do manual, realização de um crucigrama que sintetizava os conteúdos da aula, o visionamento de pequenos filmes, a construção da “Aliança da Turma” (elos de papel que ligados entre si fizeram uma cadeia de compromissos). Procurei utilizar estratégias diversificadas, desde a exposição oral, ao visionamento de pequenos vídeos alusivos aos temas e/ou personagens apresentadas, à elaboração de tarefas no caderno diário em sala de aula ou solicitadas como trabalho de casa. A maioria dos alunos demonstraram-se empenhados na realização dos trabalhos em sala de aula, mas muito pouco disponíveis na realização do trabalho de casa. Este último tinha como grande finalidade prolongar o tempo de aprendizagem escolar que, como fui constatando ao longo da Prática, por diversos fatores, reduzia-se, significativamente, em relação ao tempo planeado. O trabalho de casa tinha ainda o objetivo de criar oportunidades de diálogo entre os alunos e as suas famílias.

⁸ R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 125.

No entanto a fraca concretização deste recurso, demonstrou, por um lado, o desinteresse por parte de alguns alunos e por outro, alguma indisponibilidade das famílias em acompanhar os filhos neste tipo de tarefas tão simples.

O comportamento da turma em sala de aula acabou por ser controlado e participativo. Posso concluir que comecei por lecionar de forma bastante tradicional e conclui a minha leção dando mais espaço às estratégias construtivistas, centradas no aluno: brainstorming, diálogo decorrente da partilha do trabalho de casa: “Os grupos a que pertencem”.

2.2.1. Procedimentos e estratégias de planificação das aulas e produção de materiais pedagógicos.

Após a elaboração das planificações I, II e III, comecei a realizar as planificações diárias (nível VI) com base nas sessões já lecionadas. Ou seja, tive sempre que adaptar a ideia inicial com base na experiência vivida em sala de aula com os alunos. A realização das planificações confrontadas e corrigidas pela professora cooperante e comentadas pelos colegas da PES foi uma das grandes aprendizagens desta Prática de Ensino Supervisionada. De facto, valorizo muito o contributo que os colegas me ofereceram na construção das planificações. Na sua elaboração procurei ter em conta a conciliação e o equilíbrio entre a exposição oral e a proposta de uma tarefa concreta, com as limitações iniciais, já apresentadas. O suporte de base utilizado foi a apresentação de *powerpoint* que me permitiu ir construindo o fio condutor dos temas, apresentar sempre o sumário para o registo dos alunos (tendo em conta que apresentam ainda algumas características de 1.º ciclo) e as tarefas de trabalho mais interativo com os alunos (complemento de texto, preenchimento de crucigrama, associação de documentos e respetivos nomes). Este recurso serviu ainda de alternativa ao manual que nem todos os alunos possuíam. Para além deste suporte digital, utilizei ainda alguns pequenos vídeos e imagens que, com a devida introdução,

proporcionaram uma abordagem diferente e dinâmica dos conteúdos para os alunos. A turma acolhia muito bem este recuso audiovisual e demonstrava a eficácia do mesmo quando se passava ao diálogo de exploração e interpretação do conteúdo.

Procurei, ainda, dinamizar trabalhos mais práticos como a construção de uma banda desenhada, a elaboração de uma cadeia de compromissos, o completamento de texto a partir da escuta de um áudio, a realização de um crucigrama como forma de releitura e interpretação de um texto.

Constatei, ainda, que alguns dos materiais realizados poderiam ter sido mais adequados às possibilidades cognitivas dos alunos: a banda desenhada, solicitada na aula n.º 2, poderia ter sido mais pequena (apenas duas vinhetas de modo a não desmotivar os alunos com a exigência da sua realização) e a ficha de identificação do aluno deveria ter sido mais simples, pois possuía termos pouco claros para a sua idade (“habilitações literárias”). Pode-se considerar que a prescrição desta última tarefa não foi apropriada, levando a que os alunos tivessem colocado muitas questões para a sua realização.

Por outro lado, penso ter sido fator de motivação para os alunos a elaboração de atividades pedagógicas relacionadas com a sua vida (banda desenhada, realização e partilha do trabalho de casa relacionado com os grupos de pertença). Igualmente interessante parece ter sido o completamento de texto que requeria cuidada atenção e audição, a realização do crucigrama feito de forma didático-lúdica.

«A variedade de atividades e de métodos de instrução mantêm o interesse dos alunos pela escola e pelo seu trabalho escolar»⁹; foi o que procurei fazer com a elaboração dos diferentes materiais pedagógicos.

⁹ R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 126.

2.2.2. Reflexão global sobre a gestão do programa.

Penso que, de um modo geral, a unidade letiva foi bem gerida, excetuando-se o facto de não ter aprofundado mais, sobretudo de forma colaborativa, o conteúdo da vida em grupo. De resto, consegui cumprir, na maior parte das vezes, a planificação, tendo sido mais difícil fazê-lo nas primeiras aulas. Dei a mesma importância a todos os temas da unidade letiva concedendo-lhes, aproximadamente o mesmo número de aulas (2 a 3). Numa próxima planificação procurarei dar maior relevo ao que acabei por considerar central nesta unidade letiva- viver em grupo. Todos os outros temas devem convergir para este, completá-lo e aprofundá-lo.

Numa turma em que se encontram alunos provenientes de diferentes grupos, parece-me que teria sido fundamental aproveitar essa circunstância para trabalhar mais aprofundadamente o tema “viver juntos” e ao mesmo tempo, contribuir para o sentido de “grupo-turma de EMRC” das crianças. Por outro lado, ainda relativamente a este tema, avalio como positiva a partilha que os alunos fizeram dos grupos aos quais pertencem. Se por um lado permitiu darem-se a conhecer uns aos outros, por outro deu oportunidade de concretizar o tema na vida de cada um.

No que diz respeito ao conteúdo concreto sobre a “Aliança”, muito contribuiu a experiência trazida pelos alunos que participam em grupos de cariz religioso, nomeadamente Escuteiros e Guias. Para os alunos que têm alguma vivência cristã ao nível da família, o discurso afigurava-se mais conhecido e óbvio, para os outros, particularmente os “filhos único” (dois casos), todo o tema da vida em grupo apresentou-se mais difícil. A experiência religiosa de alguns alunos também facilitou a reflexão sobre o tema da presença de Deus nas diferentes etapas de mudança da nossa vida.

2.2.3. Descobertas mais significativas efetuadas ao longo da PES

Ao longo da PES constatei a importância do trabalho de lecionação pautado pela planificação das aulas. Estas permitem que a lecionação seja pensada, refletida e melhorada, uma vez que na concretização dos diferentes passos, conseguimos prever as reações dos alunos às estratégias pensadas e as possíveis respostas do professor às mesmas. Este trabalho torna-se ainda mais profícuo quando feito em parceria com outros professores. Saliento a aprendizagem feita na avaliação das minhas aulas, realizada pelos colegas da PES e respetiva professora cooperante. Apercebi-me de alguns erros (exemplos: rigidez, pouca atenção ao contributo dos alunos) que cometemos na nossa lecionação, sem nos darmos conta. O facto de ter observadores que nos podiam apontar, foi, sem dúvida, a grande mais-valia desta Prática de Ensino Supervisionada.

Ao mesmo nível, aprendi também muito com a lecionação dos colegas (a partir da eficiência e também dos erros cometidos), pois a posição de observadora colocou-me numa perspetiva mais próxima dos alunos e por isso, diferente daquela que normalmente adoto. Olhar na perspetiva dos alunos permitiu-me perceber o impacto que determinadas estratégias e decisões pedagógicas têm, e equacionar formas diferentes de os conduzir na aventura da aprendizagem.

2.2.4. Desenvolvimento de atitudes e competências profissionais

Decorrente do anteriormente exposto, considero como grande aprendizagem profissional a necessidade de criar empatia com os alunos para poder com eles construir conhecimento. De facto, muitas vezes, autocondicionada pela exigência de um programa a cumprir, de conteúdos para lecionar, nem sempre parti da experiência e sensibilidade dos alunos. Apercebi-me algumas vezes, ao longo da PES que o comentário de um aluno ficou minorizado diante da exposição oral que eu, professora, estava a realizar e que provavelmente poderia dizer um pouco menos aos alunos do que a experiência do colega

que não aproveitei. Isto acontecia, sobretudo no início da lecionação, com o objetivo de manter a ordem em sala de aula. Porém, sempre que me apercebi, procurei corrigir esta atitude pouco pedagógica. Aprendi que é fundamental utilizarmos as nossas qualidades pessoais para desenvolver relações genuínas e humanizantes com os nossos alunos, pois ensinamos com o saber, mas sobretudo com o nosso ser. Aproveitar o contributo experiencial dos alunos, é dar-lhes espaço de atuação e ao mesmo tempo contactar com conteúdos e linguagem que lhes são familiares. Recorda-nos Arends que:

«os professores eficazes têm uma atitude e competências para abordar todos os aspetos do seu trabalho de uma forma reflexiva, democrática e orientada para a resolução de problemas».¹⁰

Por outro lado, os próprios alunos estão mais predispostos à aprendizagem quando a tonalidade afetiva do ambiente é positiva¹¹.

2.2.5. Assiduidade e disponibilidade para a PES

Avalio positivamente a minha assiduidade e disponibilidade para as diferentes atividades relacionadas com o trabalho na escola onde a PES se realizou. Ressalto, de forma especial, a preparação que fiz, com a professora cooperante, do encontro interescolas. Esta foi uma experiência muito enriquecedora uma vez que tive a oportunidade de construir este projeto com os alunos do 8.º ano que depois acabou por envolver os restantes alunos dos diferentes anos. A preparação realizou-se em contexto mais informal e por isso adivinhava-se o desafio da falta de ordem e disciplina dos alunos para a realização da atividade. Fiquei, agradavelmente, surpreendida por ver o entusiasmo e espírito de iniciativa do núcleo de 8.º ano que acabou por dinamizar os ensaios de forma

¹⁰ R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 10.

¹¹ C.f. R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, 125.

séria e responsável, até com os seus pares, notoriamente menos motivados. Também este foi um efetivo momento formativo para a minha experiência profissional.

No que diz respeito à Prática Letiva procurei ser sempre pontual e, sobretudo, antecipar-me aos alunos na entrada na sala de aula, de modo a proporcionar um ambiente o mais favorável possível para o momento educativo.

2.2.6. Avaliação global da PES

Avalio de forma positiva a experiência de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Escola Básica de Santo António- Parede. As reuniões de preparação com os colegas e a professora cooperante, a preparação das planificações e reflexão sobre as mesmas, a lecionação das aulas e observação dos colegas, a avaliação das mesmas, a participação em atividades da disciplina fora do contexto de sala de aula tornaram-se momentos propícios para a aprendizagem do que é ser professor e do que é ensinar. Tenho a plena consciência de que muito há a aprender e que esta foi uma experiência que proporcionou abordar apenas algumas dimensões do que é ensinar.

«Aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa (...) culmina com a formação profissional, mas continua nas experiências de ensino por que vamos passando ao longo da vida»¹².

Ainda assim, também tenho a noção de que me foi proporcionada uma boa oportunidade de confronto e aplicação de modelos de ensino, estratégias, problemas de sala de aula a resolver, acompanhamento dos alunos.

Passo a elencar algumas das aprendizagens mais significativas que a Prática de Ensino Supervisionada me proporcionou. Uma primeira descoberta foi a segurança

¹² R. ARENDS, *Aprender a ensinar*, Editora da McGraw-Hill em Portugal, Amadora, 1999, prefácio.

profissional que as planificações dão à nossa prática letiva. Apesar de nem sempre podermos concretizar o plano de forma rigorosa e integral, o facto de termo-nos dado a oportunidade de pensar sobre os conteúdos e as formas mais adequadas dos podermos trabalhar, confere à nossa lecionação uma maior clareza, objetividade e eficácia. A realização das diferentes planificações é umas das formas de concretização da função executiva do professor. A planificação permite assegurar a liderança do grupo com quem estamos a trabalhar, sem descurar o grau de imprevisibilidade que caracteriza a sala de aula.

A segunda aprendizagem que pretendo elencar prende-se com a relação entre a professora e os alunos. Pude constatar, a partir da experiência da professora cooperante, que os alunos sentiam-se, afetivamente, ligados à docente. Esta era uma característica que os fazia abrirem-se com naturalidade à relação educativa. Aprendi a valorizar mais essa dimensão da prática letiva, procurando conhecer melhor os alunos e ir adaptando a planificação às suas características e também às circunstâncias em que os mesmos se encontram.

Relativamente a este aspeto, ressalto o facto destes alunos terem aulas à hora em que a maioria dos seus colegas já estava na hora de almoço. É deveras meritório que estas crianças se disponham (ainda que incentivados e orientados pelos pais) a ter mais uma aula no final de uma manhã de trabalho, em horário que, idealmente, seria de pausa letiva. A constatação destas circunstâncias e a análise das mesmas, fez-me assumir uma nova postura diante dos alunos que se aproximou mais da benevolência e se foi afastando da intransigência inicial

De facto, é preciso empatia para se ensinar; é preciso treinar a capacidade de escuta dos alunos para, assim, perceber melhor qual a linguagem mais adequada para o trabalho de lecionação. A empatia abre-nos, deste modo, a duas vertentes fundamentais do ensino: a relação com os alunos que os abre mais facilmente ao conhecimento e ao

desenvolvimento de competências; a adoção de linguagens que os alunos percebam efetivamente e a resposta a perguntas que lhes sejam pertinentes.

As dificuldades encontradas, na minha prática de ensino e também na dos meus colegas, ao nível da motivação dos alunos, da manutenção do seu interesse e da disciplina em sala de aula, fizeram-me refletir sobre a importância de ter um repertório de práticas de ensino para podermos utilizar em diferentes momentos e dias letivos. Estas devem diversificar-se consoante o cansaço e a receptividade dos alunos, bem como, conforme o conhecimento que já têm ou não dos conteúdos lecionados.

Finalmente, alegro-me em constatar que a experiência da Prática de Ensino Supervisionada deu-me a oportunidade de experienciar os três papéis do professor, identificados por Arends: liderança, instrução e organização/interação com a Comunidade Educativa¹³. Sendo os dois primeiros mais óbvios no que diz respeito a qualquer tipo de lecionação, gostaria de sublinhar o terceiro papel do professor mencionado pelo autor citado: interação com a comunidade educativa. A concretização desta dimensão da minha lecionação penso tê-la feito na participação em diferentes atividades promovidas pela disciplina de EMRC que envolviam alunos de outros anos. De facto, procurei estar disponível para estar com os alunos em situações informais ou de carácter mais didático-lúdico de modo a poder aproveitar todas as oportunidades para interagir na e com a Comunidade Educativa da escola.

¹³ C.f. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 1999, 14.

3. Unidade Letiva 1- 5.º ano: “Viver Juntos”

A unidade letiva n.º 1: Viver Juntos é a primeira do 2.º ciclo e tem como grande objetivo ajudar os alunos na sua integração na nova etapa escolar. De facto, a “mudança” é o primeiro tema abordado. O aluno é ajudado a valorizar o novo momento da sua vida, a vivê-lo como mais uma etapa da vida que lhe permite crescer. O professor pode e deve aproveitar este tema para permitir que os alunos expressem os seus medos, ansiedades e assim os relativizem ao constatar que se trata de uma etapa normal e fundamental da vida.

A figura de Abraão é apresentada como modelo neste processo. Com ele aprendemos que não estamos sós na caminhada do crescimento e da mudança, através da família, dos grupos, dos amigos, somos acompanhados pelo próprio Deus.

Depois de trabalhada a experiência da mudança, há que saber identificar os diferentes grupos que nos permitem viver em sociedade. Para neles nos inserirmos temos de conhecer e aceitar determinadas regras, objetivos e formas de organização. É deste modo que chegamos ao núcleo da unidade letiva: Viver Juntos. Para conseguir viver esse ideal é necessário fazer aliança. Alguns textos bíblicos permitem-nos identificar momentos em que Deus fez e renovou uma aliança com a humanidade através de vários homens e mulheres e a partir da eleição de um povo. A aliança facilita a relação entre as pessoas. Com ela comprometemo-nos a cuidar da relação através de atitudes e valores que nos humanizam (colaboração, aceitação, disponibilidade, respeito, paz, verdade, justiça, bondade).

Procurou-se desde a primeira aula, valorizar a vida em grupo. Através da dinâmica de apresentação em que cada um associava um gesto à sua apresentação, os alunos foram convidados a repetir o gesto de apresentação dos colegas, criando assim uma sequência de gestos e de sons com o contributo criativo de todos. A reflexão que se procurou fazer após a atividade teve como objetivo mostrar que sendo todos diferentes, formamos um grupo

capaz de realizar algo juntos. Para introduzir o tema da mudança fizemo-nos ajudar pelas duas personagens que acompanham o manual do aluno: o Miguel e a Maria. A partir da sua vivência, a turma pôde refletir sobre a própria experiência de mudança de escola e de ciclo. Seguiu-se a apresentação da experiência de Abraão, a identificação dos grupos a que os alunos pertencem, a identificação das condições de pertença e participação nesses mesmos grupos até se chegar ao tema da Aliança com o qual se conclui a unidade letiva.

3.1. Análise da Unidade Letiva: fundamentação da escolha.

A lecionação da Unidade Letiva 1 do 5.º ano fez-me constatar a sua pertinência para os alunos recém-chegados ao 2.º ciclo. De facto, os conteúdos prestam-se para o acompanhamento destas crianças que temem, de alguma forma, o novo desafio que é, na maior parte dos casos, não só a mudança de ciclo, mas também a mudança de escola, de pares e, para alguns, até de cidade. Aprender a “Viver Juntos” é, assim, visto como uma necessidade diante de uma nova circunstância das suas vidas. O exemplo do “Miguel e da Maria” que lhes é apresentado no manual é bastante pertinente sobretudo pela familiaridade que se impõe pelo facto de falarem daquilo que são as situações, os medos, as angústias e os sonhos dos alunos. Foi o que constatei quando lemos, em aula, a banda desenhada proposta nas primeiras páginas da Unidade Letiva. Os alunos sintonizaram imediatamente com as personagens e de forma espontânea e descontraída partilharam igualmente as suas experiências. Já no que diz respeito à apresentação de Abraão como pessoa em mudança, a adesão não foi tão notória. De facto, pela idade em que é apresentado, pela distância cronológica, Abraão acaba por ser mais difícil de propor como modelo, ainda que seja uma personagem de referência na nossa cultura judaico-cristã. Ainda assim, penso que se poderia propor algum exemplo cristão que pudesse ser mais próximo e apelativo para os

alunos desta idade. De qualquer forma, parece-me que o exemplo de fé e de sentido de presença de Deus desta personagem bíblica falou aos alunos, nomeadamente no que diz respeito às dúvidas e apreensões que sentem diante do desconhecido que é o novo ciclo. Foi utilizado um suporte áudio em que o próprio Abraão se apresentava tendo os alunos que completar o seu discurso à medida que o iam ouvindo. Esta estratégia permitiu que os alunos escutassem com atenção e ao mesmo tempo aprendessem (ou recordassem, para o caso de alguns) alguns dados biográficos fundamentais sobre esta personagem. Ainda no que diz respeito ao tema da integração no novo ano escolar, saliento o poema “Aprender a estudar” de José Carlos Ary dos Santos (Obra Poética) lida em sala de aula. Os alunos valorizaram muito esta obra de arte e durante várias aulas seguidas recordavam espontaneamente que “Estudar é muito, mas pensar é tudo!”¹⁴. Este facto levou-me a constatar o impacto que o texto havia tido nos alunos naquela aula. Mais uma vez, penso que a adesão significativa a este instrumento deve-se ao facto de tratar um tema de grande interesse para os alunos, uma vez que é fonte de preocupação e motivação dos mesmos - estudar.

O segundo grande conteúdo desta Unidade Letiva é o tema dos grupos. Mais do que saber definir o que é um grupo, considero fundamental que os alunos aprendam a importância de “viver juntos” de forma saudável e humanizadora e penso que esse conteúdo podia ter sido mais explorado nas aulas lecionadas. De facto, vivemos um tempo em que a convivência está profundamente ameaçada pelo clima de violência, de instabilidade e desconfiança que o caracteriza. Esta constatação deve ser tema de reflexão e partilha com os alunos, com os devidos ajustes necessários à sua idade e desenvolvimento psicológico e cognitivo. De qualquer forma, esta Unidade Letiva é bastante atual por estes mesmos motivos e por isso deve ser implementada de forma “encarnada” na realidade, ou

¹⁴ J.C. SANTOS, *Obra poética - Aprender a estudar*, citado em Manual de EMRC 5.º ano, SNEC Fundação, Torres Novas, 2015, 12.

seja, partindo dela. Por outro lado, também se revela uma Unidade Letiva propícia para a aprendizagem construtivista¹⁵. Na proposta do trabalho concreto em grupo, na partilha de opiniões e de tarefas entre os pares, os alunos podem exercitar a sua capacidade de “conviver” e assim conceber o significado do conteúdo a lecionar. Apesar de ter consciência do enorme potencial de estratégias de construção de sentido presente nestes conteúdos, a minha leção dos mesmos foi mais tradicional, centrada no professor, portanto. Este facto deve-se à inexperiência que me colocava, nestes primeiros dias de leção, na chamada “fase da sobrevivência” do professor principiante.¹⁶

O mesmo não aconteceu no terceiro bloco temático desta unidade- a Aliança- em que construí com os alunos uma aliança da turma, onde cada um personalizou uma tira de papel que enrolada em círculo, e conjugada com outras, formou uma espécie de corrente. A atividade foi bastante elucidativa para os alunos no que diz respeito à definição do conceito de aliança. E como foram capazes de construir uma cadeia de pequenos elos, em concreto, perceberam melhor o que significava a aliança em abstrato, no caso de Abraão, Noé e Moisés.

3.2. Identificação de interrogações que motivam o 2.º itinerário

A partir da experiência que fiz de leção desta unidade letiva – Viver juntos, constato a importância de abordar de forma mais prolongada as características e condições para a nossa vida em grupo. Este é um tema, não só oportuno para alunos em fase de transição, como também para qualquer criança, jovem ou adulto do mundo atual, confrontado com a, sempre iminente, possibilidade de violência e ofensa à própria dignidade. A capacidade de viver juntos

¹⁵ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 12.

¹⁶ C.f. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 29.

é um verdadeiro desafio dos nossos tempos. O mesmo já afirmava o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI quando apontava como um dos 4 pilares da Educação para este século: «Aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros»¹⁷.

«Sem dúvida, esta aprendizagem representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade (...). Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?»¹⁸

Sendo esta uma realidade incontornável, parece-me pertinente a relação que se pode estabelecer entre o cuidado da abertura ao transcendente (dimensão espiritual da pessoa) que devemos ter e a consequente comunhão com o outro que daí pode advir. De facto, como defende Juan Martin Velasco, «na relação interpessoal cada sujeito transcende-se perante o outro, mas, ao mesmo tempo, nessa transcendência encontra a possibilidade da sua realização enquanto sujeito»¹⁹. Trabalhar a relação em grupo pressupõe, deste modo, o cuidado e desenvolvimento da nossa dimensão espiritual, isto é, da nossa capacidade de nos abirmos ao transcendente que é “outro” com quem nos relacionamos. Parece-me que este é um aspeto pouco aprofundado nos conteúdos da unidade letiva. Por outro lado, diante da iliteracia religiosa em que vivem grande parte dos nossos alunos (ressalve-se que apenas 5 em 16 participam em grupos de inspiração cristã), surge a necessidade de lhes falar mais objetiva e concretamente sobre a dimensão cristã que caracteriza a nossa disciplina.

Tenho a consciência que este é um tema polémico, não tanto para as crianças, mas sobretudo para os pais e encarregados de educação, fruto de uma geração que desacredita a

¹⁷ J. DELORS, (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, UNESCO, Brasília, 1998.

¹⁸ J. DELORS, (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir*, 96.

¹⁹ J. MARTIN VELASCO, «Religião e dimensão humana de transcendência», *Communio* 6, 1989 – 1, 5-15.

instituição religiosa e procura, muitas vezes na ciência e tecnologia, a satisfação de todas as suas ânsias de realização pessoal. Neste sentido proponho-me realizar uma ação de formação aos pais e encarregados de educação no sentido de os fazer refletir e reconhecer a própria capacidade de abertura transcendental e ajudar os seus filhos a desenvolver as suas capacidades de relação interpessoal. Para a elaboração desta ação de formação, proponho-me fazer um trabalho de aprofundamento sobre relação que existe entre a experiência transcendental comum a toda as pessoas e a sua capacidade de relação interpessoal. É meu objetivo defender que a abertura ao transcendente é alicerce do “viver juntos”.

CAPÍTULO II

1. O problema do “Viver juntos” hoje.

A vida em grupo é uma realidade humana. Existe desde que a humanidade se conhece. Os vestígios primitivos que retratam a vida e a solidariedade de grupo²⁰ comprovam esta realidade. De facto, não podemos entender a pessoa sem ter em conta a sua necessidade de ser em relação; é nesta que pode encontrar espaço e fundamento para a sua plena realização enquanto ser humano. Ainda assim, também a era primitiva testemunhou as dificuldades que estão inerentes a esta dimensão da vida humana. A vida em grupo tem naturais limitações que partem do mais íntimo do ser humano e se dirigem ao outro que está ao seu lado. O autor do primeiro livro bíblico dá conta desta ferida da condição humana. Caim mata o seu irmão Abel sem razão aparente, ou melhor, muito provavelmente movido por um sentimento negativo que, nascido no seu coração, concretiza-se no ato de violência mortífero²¹. O mesmo livro apresenta-nos, capítulos antes, a necessidade humana de relação, concretizada no desejo manifestado por Deus em conceder uma companhia ao homem: «O Senhor Deus disse: “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.”» (*Gn 2, 18*).

A História das civilizações é uma história de procura de comunhão, certamente com altos e baixos, avanços e recuos, mas também com uma tensão contínua para essa meta que é a relação interpessoal. A relação entre os homens tem sido tema de reflexão de grandes pensadores, do presente e do passado. Nesta breve alusão, centramo-nos no arco temporal que vai desde o início da chamada Modernidade até aos nossos dias, por considerarmos que o que vivemos na atualidade é consequência, sobretudo, das transformações que nos foram legadas por uma visão individualista da humanidade. Ressalvamos, porém, que a abordagem não é exaustiva (pois estamos a falar de três séculos de História: séculos XVIII – XX), mas apenas um simples enunciar de alguns fenómenos que influenciam o “viver juntos” nos nossos dias.

²⁰ Imagens captadas por Luca Galuzzi, in <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=2147283>.

²¹ “Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido.” (*Gn 4, 5*).

1.1. A modernidade

Caracterizam este tempo novo, denominado de Modernidade, a autonomia do sujeito, a exaltação da razão e da ciência, a emancipação social e institucional face à autoridade religiosa, a privatização gradual da religião e a secularização. Trata-se, segundo Sesboüé, de «uma mudança de mentalidade que modifica a maneira pela qual o Homem se compreende no seio do mundo e perante Deus»²². Prometia ser uma era de grande sucesso e assim começou por ser nos desenvolvimentos científicos e tecnológicos, bem como no âmbito da saúde e da educação. A filosofia das Luzes parecia, de facto, ter um grande potencial para a promoção de uma vida mais fraterna, porque, colocando o homem ao centro, concedia-lhe todas as capacidades de desenvolvimento humano e social; porém, ela assentava essa possibilidade na responsabilidade dos Estados, descartando a influência do âmbito religioso. «Kant foi um dos mais audaciosos ao pensar um projeto de paz perpétua no quadro de entendimentos jurídicos entre estados republicanos»²³. Contudo, mesmo que ainda hoje se possam encontrar resquícios desta audácia em discursos e projetos internacionais, constatamos que o alcance da paz continua a ser um objetivo difícil de alcançar.

Apesar de colocar o homem ao centro, a Modernidade deixou-o, efetivamente, demasiado só.

«Mais do que tudo, o indivíduo moderno, centro teórico de referência e decisão, é um indivíduo solitário: os pontos de apoio tradicionais nos quais se podia apoiar, desmoronam-se ou perdem credibilidade sob a crítica da racionalidade moderna».²⁴

Deixado à mercê de si próprio, o homem é convidado a pensar pela própria cabeça, a tomar as suas decisões com base na reflexão e avaliação que faz das situações. Não se admitem legados

²² B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001, 96.

²³ P. VALADIER, *Fraqueza do político, Força do religioso*, Edições Piaget, Lisboa, 2014, 22.

²⁴ P. VALADIER, *La Iglesia en Proceso. Catolicismo y sociedad moderna*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1990, 39.

culturais ou religiosos, nada que possa influenciar a pessoa na sua decisão. Esta autonomia, traduzida em individualismo, conduziu a uma inevitável crise de relação entre as pessoas.

«O desenraizamento ligado às migrações e ao êxodo rural, o desmembramento das famílias, a urbanização desordenada, a rutura das solidariedades tradicionais de vizinhança, lançam muitos grupos e indivíduos no isolamento e na marginalização, tanto nos países desenvolvidos como nos países em desenvolvimento».²⁵

1.2. A pós-modernidade

A pós-modernidade viu decair as expectativas do tempo que a precedeu. A desilusão científico-tecnológica e o desencantamento relativamente às capacidades racionais da humanidade – capaz de grandes prodígios, mas também de atos monstruosos como duas guerras mundiais (1914-1918; 1939-1945) e o uso de armas de extermínio em massa (Hiroshima, 1945) – deixam grandes consequências não só materiais mas também ao nível social e ideológico. Os pensadores pós-modernos ajudam-nos a ler os efeitos da Modernidade no tempo que lhe sucedeu. Parafraseando Sigmund Freud, Sesboüé critica o ateísmo herdado do século XIX, descrevendo estes efeitos da seguinte forma: «a tribo primitiva, que constituía a humanidade das origens, terá morto o “pai arcaico” ao qual estava submetida e que garantia a sua ordem social».²⁶ O sentido de orfandade aqui caricaturado é talvez uma das melhores imagens para descrever o homem moderno. É um homem em crise de identidade, à procura de “um pai” que lhe dê a possibilidade de expressar a atitude religiosa que o caracteriza e que agora é considerada, por alguns, como neurose obsessiva²⁷. Mas é também um homem em perigo, ameaçado pela irradicação da dimensão simbólica da vida.

²⁵ J. DELORS, (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir*, 52-53.

²⁶ B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 100.

²⁷ c.f. Tese defendida por Sigmund Freud (1856-1939) cit. por B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 100.

«A crescente racionalização da vida natural e social rompe as estruturas simbólicas [verdadeiras pontes com o seu passado que dão sentido ao presente] através das quais o homem se relaciona com a natureza, com os seus semelhantes e consigo próprio».²⁸

A vida em grupo vê-se, assim, também ela, ameaçada pela incerteza identitária que caracteriza este tempo. O fim das estruturas simbólicas significa também a carência de alteridades com as quais se confrontar e a conseqüente indecisão na relação consigo próprio e com o mundo. A crise de identidade que daí advém fragiliza a capacidade humana de relações sociais.

«O indivíduo instável não consegue manter relações duradouras (...), busca garantias prévias a um compromisso que quer que seja firme, mas (...) as estruturas sociais, pouco sólidas, não o ajudam».²⁹

Na base deste sentimento de orfandade e desta “crise de adolescência” permanente, está também o ateísmo ideológico e militante que se desenvolveu no século XX, como herança da época das luzes. Ele foi radicalmente proclamado e assumido pelo homem moderno e pós-moderno. Ludwig Feuerbach (1804-1872), Karl Marx (1818-1883) e Frédéric Nietzsche (1844-1900) são os seus representantes mais acreditados. Este último, proclamando a morte de Deus, parece colocar o homem em constante busca de sentido para o vazio que essa morte deixou no coração humano e conseqüentemente na sociedade.

É essa procura de sentido que pensamos ser a grande ferida da sociedade atual. Terrorismo, violência, adesão a grupos fundamentalistas, guerra, são manifestações de um mundo com carência de sentido, de pessoas em busca de uma razão para viver, em busca de algo a que se referir.

²⁸ P. VALADIER, *La Iglesia en Proceso*, 39.

²⁹ *Ibidem*, 41.

1.3. A atualidade

Chegamos, assim, à atualidade. Vivemos um tempo caracterizado, ao nível da convivência social, pelo medo e pela desconfiança. Diz-nos o Papa Francisco: «O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos».³⁰ A exortação apostólica *Alegria do Evangelho*, no seu capítulo II, «Na crise do compromisso comunitário», apresenta aqueles que são os desafios fundamentais do nosso tempo em relação ao “viver juntos”. Ressaltamos aqueles que consideramos mais pertinentes para a reflexão que pretendemos fazer.

«Não a uma economia de exclusão e desigualdade»³¹. Num mundo onde o consumo e o acesso aos bens são uma realidade e quase uma exigência, é incompreensível o facto de tantos não terem acesso aos bens básicos e essenciais. «Não é possível que a morte por enregelamento dum idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa».³² A hierarquia de valores é, deste modo, violada e a pessoa passa a valer menos do que um número. A realidade que chega pelos meios de comunicação é totalmente relativizada em função dos interesses de determinados grupos, gerando, assim, a «globalização da indiferença»³³ tão condenada pelo atual Magistério.

«A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma».³⁴

As grandes desigualdades são, assim, fruto de uma economia mortífera que não olha a meios para atingir os seus fins (o lucro financeiro, a excessiva riqueza de uma minoria) e que

³⁰ FRANCISCO, *Alegria do Evangelho (Evangelium Gaudium)*, 52, Paulinas, Prior velho, 2013, 2.^a edição.

³¹ *Ibidem*, 53.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*, 54.

³⁴ FRANCISCO, *Alegria do Evangelho*, 54.

transforma a pessoa, ora em mero consumidor, se tiver possibilidade económica para tal, ora em «bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora».³⁵ As relações humanas veem-se logicamente afetadas por esta mentalidade, pois o que a economia faz com cada ser humano é o que, por influência, as pessoas acabam por fazer umas às outras. «Enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigá-la a violência»³⁶. Esta está intimamente relacionada com a injustiça, pois a vítima de tal atitude humana tende a rebelar-se diante do opressor e o mal que lhe é infligido torna-se motivo de perpetuação da violência como legítima defesa. A paz e a possibilidade de “viver juntos” veem-se, deste modo, claramente ameaçadas.

Regista-se ainda em diversos pontos do globo, a problemática do extremismo e da intolerância religiosa. De resto, é o âmbito religioso o que mais se tem associado à violência exercida na atualidade. A vida em grupo torna-se difícil nestes contextos, pois

«reconhecemos que, numa cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria, torna-se difícil que os cidadãos queiram inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais».³⁷

A negação da transcendência é uma grande ameaça a referir. Não se trata duma questão nova, como podemos constatar do até aqui explanado; porém, ela reveste-se de consequências cada vez mais devastadoras para o ser humano. Hoje, mais do que no passado, vemos as consequências de um mundo sem referência ao Outro (Deus).

«Com a negação de toda a transcendência, produziu-se uma crescente deformação ética, um enfraquecimento do sentido do pecado pessoal e social e um aumento progressivo do relativismo».³⁸

³⁵ *Ibidem*, 53.

³⁶ *Ibidem*, 59.

³⁷ *Ibidem*, 61.

³⁸ FRANCISCO, *Alegria do Evangelho*, 64.

A Modernidade e as suas características terão dado origem à clara distinção entre Religião e Espiritualidade, sendo a primeira entendida mais como Instituição e a segunda como a capacidade humana de conduzir a própria vida em direção à plenitude, à procura de um sentido de vida.

«Surge assim a possibilidade de um humanismo laico, capaz de inspirar condutas de inegável valor que, apesar de estarem já presentes na tradição cristã enquanto conteúdos, não eram visíveis na prática das Igrejas».³⁹

Religião e Espiritualidade separam-se, de facto, dando origem à adesão a fenómenos espirituais muito diversos: regresso ao ocultismo, interesse pela espiritualidade oriental, surgimento de movimentos religiosos comunitários. Individualização e desregulação do crer são um fenómeno típico do nosso tempo (“*Beliving without belonging*”). A instituição religiosa perdeu a capacidade de regular a vida e a crença dos seus fiéis; já não sabe bem se são seus. Surgem igualmente formas de “espiritualidade sem Deus” que, afirmando a capacidade antropológica de abertura ao transcendente, não aceitam a necessária referência a Deus.

Finalmente, assistimos a um individualismo que atinge proporções universais e catastróficas.

«O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares».⁴⁰

A humanidade vê-se prisioneira de um narcisismo destruidor que é alimentado pela sociedade de consumo e o afasta cada vez mais dos que estão ao seu lado. Ainda assim, como aconteceu em todos os tempos, este cenário interpela muitos e de modo especial os cristãos a serem construtores de pontes, curadores de feridas, pessoas de comunhão. Contra todas as

³⁹ c.f. J. MARTÍN VELASCO, “La situación religiosa de los jóvenes en Europa. Ensayo de interpretación y propuestas de acción”, *Mision Joven*, 363, 2007.

⁴⁰ FRANCISCO, *Alegria do Evangelho*, 67.

tendências, «vemos hoje surgir muitas formas de agregação para a defesa de direitos e a consecução de nobres objetivos».⁴¹

Para finalizar este enquadramento, não podemos deixar de referir a realidade de violência e terrorismo que caracteriza o nosso tempo. Apenas a título ilustrativo fazemos referência a uma reportagem feita pelo Jornal Expresso sobre este tema:

«O Expresso recuou até ao verão de 2014, data em que a ameaça do terrorismo global se intensificou, através do surgimento do Daesh (autoproclamado Estado Islâmico). Desde então, uma constelação de grupos levou a cabo mais de 190 ataques em todo o mundo que resultaram em 7000 mortos - mais de 10 pessoas por dia neste período. Esta não é uma lista exaustiva de atentados terroristas, mas a recolha possível dentro dos limites do acesso à informação».⁴²

1.4. Aprender a “viver juntos”: uma finalidade da educação

A Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, indicou no seu Relatório para a Unesco o «aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros»⁴³ como um dos quatro pilares para a educação do século XXI.

«Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes.»⁴⁴

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² http://multimedia.expresso.pt/ataques_terroristas_mundo/, consultado a 23 de maio de 2017, às 13h.

⁴³ J. DELORS, (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir*, 96.

⁴⁴ *Ibidem*, 89-90.

Em 2015, o Fórum Mundial sobre a Educação que se realizou em Incheon (Coreia do Sul) comprometia-se, na Declaração de Educação para 2030, a proporcionar às crianças e jovens um ambiente de aprendizagem salutar e inclusivo, tendo em conta a realidade de conflito e violência em que tantos jovens do mundo vivem.

«Comprometemo-nos em desenvolver sistemas de educação mais inclusivos, que ofereçam melhores respostas e que tenham uma maior capacidade de adaptação para satisfazer as necessidades das crianças, jovens e adultos nestes contextos [de conflito armado e violência]. Sublinhamos a necessidade que a educação aconteça em ambientes saudáveis, que beneficiem de apoio e segurança.»⁴⁵

Numa realidade mais nacional, encontramos uma referência à aprendizagem do “viver juntos” no documento do Ministério da Educação, «Perfil dos alunos à saída da escolaridade Obrigatória», que aponta como visão os seguintes pontos:

«Pretende-se que o jovem, à saída da escolaridade obrigatória, seja um cidadão que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático; que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social.»⁴⁶

O Ministério da Educação e Ciência aponta ainda, como uma das competências-chave, o relacionamento interpessoal:

«As competências associadas ao relacionamento interpessoal implicam que os alunos sejam capazes de: adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição; trabalhar em equipa e usar diferentes meios para comunicar e trabalhar presencialmente e em rede; ouvir, interagir, argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, ganhando novas formas de estar, olhar e participar na sociedade.»⁴⁷

⁴⁵ FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO, *Declaração Educação 2030*, Incheon, UNESCO, 2015, n.º 11.

⁴⁶ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*, 2017, 10.

⁴⁷ *Ibidem*, 15.

A enunciação destes documentos quer constatar a importância dada ao tema da vida em comunidade no contexto educativo, seja nacional, seja internacional. De facto, trata-se de um tema pertinente e desafiador de grande atualidade. Vê-se assim corroborada a importância da unidade letiva no programa de EMRC, nomeadamente no 5.º ano de escolaridade, momento em que se dão várias transformações na vida das crianças (mudança de ciclo e, muitas vezes, também de escola).

Tal como defendiam os membros da Comissão Internacional da UNESCO, no século passado:

«A educação pode ser um fator de coesão, se procurar ter em conta a diversidade dos indivíduos e dos grupos humanos, evitando tornar-se um fator de exclusão social. O respeito pela diversidade e pela especificidade dos indivíduos constitui, de facto, um princípio fundamental, que deve levar à proscrição de qualquer forma de ensino estandardizado»⁴⁸.

De facto, a disciplina de EMRC tem como missão «renovar sentido, conferir unidade ao que está estilhaçado»⁴⁹. Concretamente, é objetivo da 1.ª unidade letiva do programa de 5.º ano «valorizar a diversidade dos membros de um grupo como um fator de enriquecimento»⁵⁰. A disciplina e a lecionação da unidade letiva “viver juntos” aparece, deste modo, como um válido contributo para a educação integral dos alunos.

É nosso objetivo, com este trabalho, defender como a abertura à transcendência pode alicerçar a capacidade humana de relação interpessoal. E sobre esta dimensão humana refletiremos no segundo capítulo.

⁴⁸ J. DELORS, (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir*, 54.

⁴⁹ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, IV.

⁵⁰ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, 52.

2. A abertura à transcendência

«O Homem é “capaz” de Deus. O desejo de Deus é um sentimento inscrito no coração do homem, porque o homem foi criado por Deus e para Deus. Deus não cessa de atrair o homem para Si e só em Deus é que o homem encontra a verdade e a felicidade que procura sem descanso».⁵¹

Iniciamos o segundo capítulo com uma citação do *Catecismo de Igreja Católica*, pois parece ilustrar o que procuraremos apresentar: a experiência transcendental defendida por Karl Rahner⁵². Este teólogo conceituado do século XX empenhou-se, na sua ação científica e pastoral, em propor ferramentas ao homem moderno para que pudesse aceder à experiência da fé. De facto, o diálogo com os não crentes foi para si um desafio assumido e uma arte, um exercício de procura da verdade que partia sempre da sua identidade crente em diálogo aberto com as pessoas não crentes do seu tempo. Assente nesta perspetiva crente, construímos este capítulo sabendo que a antropologia cristã está fundamentalmente subjacente na apresentação desta reflexão. É a partir desta perspetiva que se desenvolve a nossa reflexão. A presente dissertação parte da apresentação que Karl Rahner faz deste tema, designadamente com o conceito “experiência transcendental”, na sua obra *Curso fundamental sobre la fe: Introducción al concepto de cristianismo*⁵³ e apoia-se na leitura que Bernard Sesboüé faz deste autor no primeiro capítulo da obra *Pensar e viver a Fé no terceiro milénio: convite aos homens e mulheres do nosso tempo*.⁵⁴

⁵¹ *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 27.

⁵² Teólogo católico alemão (1904-1984), perito no Concílio Vaticano II e autor de uma obra imensa.

⁵³ K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe: Introducción al concepto de cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979.

⁵⁴ B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001.

2.1. O que é o homem?

Quem é o homem? Quem sou eu? São as grandes questões que abrem a reflexão sobre a dimensão transcendental da pessoa. Reconhecemo-nos, num primeiro momento, seres materiais, pertencentes ao mundo físico e biológico do universo. «Somos feitos dos mesmos átomos que os outros seres, do mesmo tipo de componentes biológicos e de células que todos os outros animais»⁵⁵. Mas impõe-se, imediatamente, uma outra constatação: somos mais do que biologia, pois questionamo-nos sobre a nossa essência, refletimos sobre quem somos e procuramos incansavelmente o sentido do que vivemos e do que nos rodeia. Mesmo que seja em forma de frustração ou de falta, a questão do sentido da nossa existência e o problema de Deus interferem com o dia-a-dia das nossas vidas.⁵⁶ Onde estávamos antes de nascer? Qual é o sentido da vida? O que há depois da morte? A sociedade contemporânea não facilita as respostas a estas perguntas fundamentais.

«O indivíduo encontra-se face a si mesmo numa espécie de deserto onde nada mais tem sentido. Vive a prova da solidão e impõe a si mesmo uma nova forma de narcisismo que a vida económica (...) alimenta e favorece».⁵⁷

E, no entanto, estas questões perpassam todos os tempos e lugares. A procura, consciente ou não, das respetivas respostas dá conta de uma dimensão humana que transcende a pessoa e que é mais do que biológica.

«A necessidade de encontrar sentido para a existência permanece, mesmo se ele é contraditório. A forma religiosa desta busca de sentido manifesta-se [atualmente] pelo gosto das espiritualidades orientais ou pela filiação sectária».⁵⁸

⁵⁵ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 22.

⁵⁶ C.f. B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 8.

⁵⁷ *Ibidem*, 9.

⁵⁸ *Ibidem*.

Ainda que pareçam fugir do fenómeno religioso, pelo menos no que diz respeito ao cristianismo, as mulheres e os homens do nosso tempo continuam a revelar uma grande sede de espiritualidade, buscando referências que lhes deem respostas às perguntas fundamentais da existência. Este facto revela uma abertura ao transcendente que caracteriza o homem de todos os tempos e lugares e que defendemos ser fundamental para a melhoria das relações entre as pessoas. Mas afinal quem é o homem? A resposta a esta questão fundamentará a tese da possibilidade de existência, para todas as pessoas, de uma experiência transcendental. De facto, o homem é desejo infinito e desejo de infinito e este é um grande sinal da sua abertura à transcendência, entendida aqui como infinito.

2.2. O homem é desejo infinito

O desejo é uma das grandes características do ser humano. Constatamos o desejo infinito do homem quando descobrimos o seu ser pessoa, o seu ser sujeito e a sua capacidade de transcendência.

2.2.1. O homem é pessoa e sujeito

A primeira constatação a que chegamos na reflexão sobre a definição de homem é que somos portadores de uma subjetividade e personalidade únicas. Esta é uma experiência originária que todo o ser humano faz naturalmente e que o leva a querer perceber racionalmente em que é que ela consiste. Ao procurar responder à questão antropológica, as ciências humanas deparam-se, porém, com a dificuldade da coincidência entre o sujeito e o objeto da investigação. Ou seja, é o homem na sua subjetividade que procura analisar-se com a maior objetividade possível. Estas ciências pretendem explicar o homem metodologicamente, decompondo-o e

analisando-o empiricamente nas suas várias partes. Mas, apesar da legítima intenção, nunca poderão alcançar totalmente o seu objetivo.

«[As ciências] derrapam quando pretendem dizer o “todo” do homem. Há um ponto que elas ignoram sistematicamente, de alguma forma, pois é o sujeito conhecedor que se entrega à investigação em cada disciplina e que opera estas decomposições e recomposições».⁵⁹

As diferentes ciências humanas, que procuram compreender a pessoa, partem de uma das dimensões do homem. Mas pronunciam-se sobre o homem como um todo, pois, na verdade, ele não se pode fragmentar. Fica, porém, sempre uma pergunta por responder que se prende com a subjetividade do investigador. Em relação ao homem, não há uma investigação concluída, mas sempre uma pergunta que o leva mais além, um desejo infinito que o coloca sempre em caminho. «É isto ser Pessoa. Esta experiência irreduzível que nada pode apaziguar, brota sempre de novo».⁶⁰

Colocado diante de si mesmo, o homem pode também recusar ou viver alheado da experiência originária que o caracteriza; contudo, isso não a invalida. Quando se encontra diante da própria realidade e opina sobre ela, o homem está já a fazer uso da sua experiência pessoal e subjetiva e dá conta, assim, de uma abertura estrutural que o precede.

“Estamos na mesma situação que está o nosso olho em relação à sua própria retina. A minha retina permite ao meu olho ver o exterior, mas eu não posso, diretamente, ver a minha própria retina, porque o meu olho não se pode voltar sobre ele mesmo.”⁶¹

Um outro aspeto que advém do ser pessoa e sujeito do homem é a capacidade de dialogar com outro sujeito, de se abrir a outra realidade pessoal e, por isso, de entrar, possivelmente, em diálogo com Deus, também Ele Pessoa, a quem nos podemos dirigir. Esta verdade do

⁵⁹ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 25.

⁶⁰ *Ibidem*.

⁶¹ *Ibidem*, 26-27.

cristianismo é basilar e, portanto, fundamental para a nossa compreensão da experiência transcendental da pessoa.

2.2.2. O homem é um ser que transcende

As características enunciadas anteriormente corroboram a existência de uma abertura ao transcendente no homem. «Ele [homem] é a pergunta que se coloca vazia, mas real e inevitavelmente, diante de si, e que nunca consegue superar, responder adequadamente».⁶² A pessoa, ao refletir sobre a própria existência, descobre-se incapaz de viver sem se perguntar pelo sentido da vida. Mostra-se como um ser finito capaz de um horizonte infinito. Ao mesmo tempo que se experimenta radicalmente limitado, consegue chegar mais além desse limite e, por conseguinte, reconhece-se como ser aberto à transcendência. Mesmo que queira alhear-se de uma reflexão sobre a sua condição, a pessoa não consegue dissociar-se da mesma, nos diferentes gestos do quotidiano. Nesse caminho de todos os dias, cada conquista é efetivamente um novo recomeço. Cada resposta é uma nova pergunta, cada solução é o início de um novo desafio.

É a liberdade, que caracteriza a pessoa, que lhe concede tal desejo incessante de infinito. Mas a mesma liberdade também lhe permite afastar-se dessa experiência transcendental que é chamado a fazer. Karl Rahner apresenta três formas de falta de consciência da dimensão transcendental⁶³. Existem pessoas demasiado ocupadas com as suas tarefas quotidianas, que simplesmente não colocam a questão transcendental. Vivem afastadas de si próprias por falta de reflexão, por não se colocarem a questão sobre o sentido do que as rodeia e da própria vida. Quando confrontadas com a pergunta sobre o sentido da vida, procuram ignorá-la, assumindo não ser necessária a resposta para poder viver plenamente. Um segundo grupo de pessoas

⁶² K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, 51.

⁶³ C.f. K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, 51.

reconhece existir uma pergunta última de sentido para tudo quanto existe, mas não aceita que seja possível dar-lhe uma resposta, prefere suportar a própria existência, com tudo o que isso implica, em silêncio e com um ceticismo razoável. Por fim, Rahner apresenta uma última forma de falta de consciência da dimensão transcendental, que consiste em reprimir a pergunta sobre o sentido, diante da impossibilidade de lhe responder, considerando-a uma questão absurda, irresolúvel.

Estas formas de aparente ausência de experiência transcendental não provam a incapacidade humana de a realizar, mas a possibilidade de a negar ou de a descurar. De facto, querendo ou não, a pessoa depara-se, no quotidiano, com uma essência que a caracteriza. «A nossa situação no mundo permanece uma espécie de “figura imposta” que permanece como uma questão dirigida à nossa liberdade. Cabe-nos dar-lhe sentido».⁶⁴

A dimensão transcendental do homem reconhece-se igualmente pela abertura, que é também desejo que possui em relação a toda a realidade. É esta característica que lhe permite toda a atividade cognitiva. O homem é portador de «um saber não tematizado, mas inevitável, acerca do carácter infinito da realidade»⁶⁵. Existe um ser prévio ao ato de conhecer que permite à pessoa apreender determinado objeto. Esse ser é o que motiva a vida e a ação humanas e, apesar de não se conseguir objetivar, é inegável. A experiência que o homem faz da esperança, da liberdade e da responsabilidade é exemplo da manifestação da plenitude que o satisfaz. Por outro lado, a dor e a angústia, que também experimenta na sua existência, manifestam um vazio e uma sede de sentido que procura uma resposta absoluta. Na verdade, o homem sabe que não é o “nada” que o atrai e impele ao conhecimento, pois o que o atrai é o sujeito absoluto que o transcende. Se não é o “nada” que dá origem ao ser, poder-se-á afirmar, neste sentido, que o homem chega ao conhecimento a partir de um ser prévio que o habita, sendo este o efetivo horizonte infinito para o qual tende a caminhar. A isto chama Karl Rahner “movimento da

⁶⁴ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 32.

⁶⁵ K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, 52.

transcendência”: o homem experimenta-se como o que tem uma predisposição natural para a pergunta, como o inquieto, o exposto ao inefável, o recetor do ser que ele próprio nunca se poderá dar a si mesmo⁶⁶. Perante a multiplicidade do seu quotidiano, a pessoa experimenta uma abertura apriorística ao ser em geral, uma disposição fundamental que precede toda a experiência objetiva e a penetra. Assim se dá a experiência transcendental no homem. E esta pura abertura diante da realidade é a característica fundamental do ser sujeito e pessoa.

Depois de percebermos de que forma a estrutura humana manifesta um desejo infinito de conhecer e de abrir-se à realidade, passemos de seguida à reflexão sobre a necessária correspondência entre o anseio infinito e o desejo de infinito.

2.3. O homem é desejo de infinito

A noção do ser pessoa aberta ao transcendente completa-se com a dimensão da liberdade e da responsabilidade, com o desejo de salvação que caracteriza o ser humano e com o reconhecimento do ser condicionado pelo mundo que o rodeia. Estas dimensões da vida humana concretizam a capacidade que a pessoa tem de desejar o infinito. Por isso, à pergunta “o que é o homem?” podemos responder “o homem é desejo de infinito”.

2.3.1. O homem é livre e responsável

Colocado diante de si próprio, o homem percebe que o desejo de infinito que o caracteriza implica liberdade e responsabilidade, uma vez que se descobre capaz de autoconhecer-se e de atuar no mundo, transformando-o. As dimensões da liberdade e da responsabilidade estão, assim, intimamente associadas à dimensão transcendental.

⁶⁶ c.f. K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, 53.

A liberdade é uma realidade transcendental que coloca o homem diante da possibilidade de dispor de si próprio, de se responsabilizar pela própria realização humana. Para além disso, a liberdade é também a possibilidade que o homem tem de atuar na história e transformá-la, manifestando, assim, a criatividade que o caracteriza.

A liberdade pode ser vivida em dois níveis distintos, mas interdependentes. Por um lado, identificamos a faculdade do livre-arbítrio que permite as decisões quotidianas que podem ser simples ou mais complexas. Trata-se da capacidade de escolher entre duas ou mais opções. «Mas, [por outro lado] a partir destas escolhas sucessivas, surge uma linha geral de conduta que dá à nossa vida uma orientação original»⁶⁷ que denominamos de liberdade.

A liberdade é de tal forma originária em nós que não a podemos negar. Mesmo que o quiséssemos fazer, a simples afirmação da sua inexistência seria um ato livre da nossa parte e, portanto, a constatação de um paradoxo. Por outro lado, esta dimensão habita-nos sem que a possamos isolar de nós próprios para melhor a analisar. Refletir sobre a liberdade será sempre refletir sobre o homem livre.

A responsabilidade é o corolário da liberdade. De facto, as nossas escolhas têm consequências que devem ser assumidas por nós. Seria impossível conceber a ideia de liberdade sem aceitar os efeitos da mesma. Só desta forma o homem realiza-se verdadeiramente, uma vez que a responsabilidade é, também ela, característica do ser humano.

«Podemos dizer que, a partir de determinada idade, todo o homem é responsável pelo seu rosto. Este como que gravou as opções e reenvia-nos para o espelho como que uma recapitulação do que procurámos ser».⁶⁸

A liberdade e a responsabilidade manifestam-se, assim, como formas de desejo de infinito, na medida em que não cessam de nos abrir à realidade e de nos permitir atuar

⁶⁷ B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 33.

⁶⁸ *Ibidem*, 34.

continuamente nela. São também estas características as que alimentam em nós a busca do sentido das coisas e a opção pelo mesmo. Uma das opções fundamentais de sentido que podemos fazer é aceitar, como já referido anteriormente, que o “nada” nada fundamenta. Ou seja, o desejo de infinito, que caracteriza cada pessoa, revela: por um lado, que chegamos ao conhecimento, à realidade a partir de algo, cuja essência nos precede; por outro lado, que esse conhecimento nunca nos deixa plenamente saciados; nunca estamos satisfeitos, desejamos sempre mais. Em última análise, desejamos a salvação.

2.3.2. O homem deseja a salvação

A procura de autocompreensão do ser humano tem como principal finalidade o alcance da salvação. Trata-se da ideia de que existe em cada pessoa o desejo insistente e infinito de salvação que move as suas ações, as suas escolhas, a sua liberdade. No entanto, ainda que o ímpeto seja interior, o homem parece não encontrar dentro de si mesmo essa resposta salvífica; experimenta uma tendência a procurar fora de si a salvação. Mais uma vez, constatamos nesta característica humana a dimensão transcendental que nos habita. É para a salvação que a nossa inteligência e a nossa liberdade nos orientam. Por conseguinte, somos mais livres quanto mais conscientes formos da nossa identidade e essência, pois a salvação é a liberdade consumada e definitiva, vivida em plenitude.

Sendo o homem um ser histórico, saliente-se que a salvação que ele procura, encontra-se encarnada na história. É nas relações sociais, nos acontecimentos e eventos temporais, no próprio desenvolvimento histórico, que o ser humano procura e, ao mesmo tempo, opera a salvação, ou seja, vive plenamente a sua transcendentalidade, saciando o desejo de salvação, a que modernamente se chama felicidade. «Com ou sem Deus, de facto, todo o homem é confrontado com este desejo que é uma exigência: fazer a sua salvação».⁶⁹

⁶⁹ B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 34.

Esta é uma das grandes verdades do ser humano: participa na construção da história através do uso da sua liberdade, lavrando, assim, a história da sua salvação no seio da história do mundo em geral, contando com o que esta contém tanto de positivo como de negativo.

Todavia, a liberdade, ainda que seja fundamental na pessoa, não é a única dimensão que a caracteriza. A pessoa descobre-se, no seu viver, sustentada por um mistério e condicionada pelo mundo e pela história.

2.3.3. O homem é sustentado pelo mistério e condicionado pelo mundo e pela história.

Podemos constatar a transcendentalidade humana na dependência da pessoa diante de disposições a si alheias. Verificamos que, apesar da sua subjetividade, a pessoa experimenta-se como que dependente de uma estrutura que lhe foi dada *a priori* e que não pode alterar. O simples facto de não poder viver sem questionar, ou sem decidir, prova que há um mistério que a transcende porque a antecede. Não o consegue dominar completamente, porque, ainda que o sinta como intimamente seu, surge-lhe como que colocado por outro em si; nada fez para o ter. É esse mistério que a sustenta, sinal da presença de uma dimensão transcendental em cada pessoa. Mas o ser humano não se vê apenas condicionado por essa sua estrutura; ele encontra também nas categorias do tempo e do espaço condicionamentos à sua realização. Essas categorias, que não foram criadas pelo homem, são a condição para que ele se possa realizar plenamente como pessoa. Ou seja, é através da sua experiência transcendental que a pessoa vive plenamente nestas categorias que lhe são impostas realizando nelas a sua salvação.

Todas as características até aqui elencadas – subjetividade e personalidade, transcendência, liberdade e responsabilidade, desejo de salvação, condicionamento histórico – são inegavelmente comuns a todos os seres humanos. Estas dimensões permitem-nos identificar na experiência humana um desejo infinito e um desejo de infinito que manifestam a universalidade da experiência transcendental. Não se trata, portanto, de uma realidade ligada

exclusivamente a uma confissão religiosa, mas de um desejo de absoluto «que vale para todo o homem, qualquer que seja a sua cultura».⁷⁰

É a partir desta certeza que procuraremos defender a tese de que o “viver juntos” torna-se melhor quanto maior for a consciência da nossa experiência transcendental e quanto mais a valorizarmos e a desenvolvermos. É neste sentido que escreveremos o terceiro capítulo.

⁷⁰ B. SESBOÜÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 41.

3. A abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos”

«Um pensamento trespassou-me: pela primeira vez na vida podia ver a verdade, (...) o amor é o supremo e mais elevado objetivo a que o Homem pode aspirar. (...) compreendi como pode um homem, a quem nada resta no mundo, conhecer ainda assim a felicidade, mesmo que por breves instantes, na contemplação do ser amado».⁷¹

No último capítulo do nosso trabalho, procuraremos defender a importância do cuidado da nossa abertura ontológica ao transcendente para a melhor convivência entre as pessoas. Introduzimos esta reflexão com as palavras do psicoterapeuta Viktor Frankl que sobreviveu ao drama de Auschwitz e que encontrou na dimensão espiritual a garantia de unidade e plenitude da sua existência. Na sua história de vida, encontramos a legitimação para a proposta de uma educação espiritual que procura conhecer e aprofundar a abertura ao transcendente, a fim de contribuir para uma existência mais realizada, empenhada na construção da comunhão. Foi na experiência do sentir-se amado que Viktor Frankl encontrou o sentido da sua experiência existencial. «O amor vai muito para além da pessoa física do ser amado. Encontra o significado mais profundo no seu ser espiritual, no seu eu interior.»⁷²

O amor é a forma sublime da abertura ao transcendente, o objetivo último desta capacidade humana. O amor é aqui entendido como a «salvação» referida no capítulo anterior, a meta para a qual tende a realização humana e, conseqüentemente, também a experiência transcendental.

O tema deste último capítulo não se encontra de forma evidente nos escritos do autor seguido até aqui: Karl Rahner. Baseio-me, fundamentalmente, na reflexão que fez no texto: “Sobre a unidade do amor a Deus e o amor ao próximo” editado nos Escritos de Teologia⁷³ e também no capítulo primeiro da sua obra “Perigos no catolicismo de hoje”⁷⁴. Nestes escritos, encontramos a referência à relação que existe entre a experiência transcendental e a dimensão

⁷¹ V. FRANKL, *O Homem em busca de um sentido*, Lua de Papel, Alfragide, 2012, 50.

⁷² V. FRANKL, *O Homem em busca de um sentido*, 51.

⁷³ K. RAHNER, “Sobre la unidad del amor a Dios y el amor al proximo”, *Escritos de Teologia*, vol VI, 1969.

⁷⁴ K. RAHNER, *Perigos no catolicismo de hoje*, União Gráfica, Lisboa, 1963.

social do homem. Procuraremos, deste modo, verificar de que forma é que as duas dimensões, transcendental e social, interdependem e se valorizam reciprocamente.

3.1. A abertura ao transcendente acontece na história

A experiência transcendental, por ser característica da pessoa, só pode acontecer numa história concreta, não no abstrato. Não há experiência transcendental sem uma história que lhe dê tempo e espaço de concretização. «O homem não realiza a sua subjetividade transcendental fora da história, numa experiência meramente interna, nem apreende essa subjetividade de forma a-histórica».⁷⁵ Precisa dela para se posicionar na sua procura de sentido e de respostas existenciais. A dimensão transcendental vive da necessidade de uma materialização que a torne perceptível e comunicável. Do mesmo modo, cada momento histórico pode revelar-se mais ou menos propício para essa manifestação transcendental. A abertura ao transcendente, apesar de ser ontológica, pode ver-se condicionada pela história em que a pessoa se insere. Assistimos a um momento histórico em que a sobrevalorização da ciência e da tecnologia como que anula a importância da dimensão espiritual da pessoa; o mesmo poderíamos dizer relativamente à exaltação das dimensões física e emocional que descaram o cuidado da vida espiritual. A história tem, com certeza, um papel fundamental na concretização desta dimensão humana.

«É natural que a mediação histórica da abertura transcendental lhe retire a possibilidade de uma realização linear. Compreende-se que haja avanços e recuos, decisões e hesitações, certezas e obscuridades, porventura até hiatos de coerência».⁷⁶

⁷⁵ K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe: Introducción al concepto de cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979, 174.

⁷⁶ D. TERRA, “Experiência transcendental e existência concreta: Explorando o pensamento de Karl Rahner”, *Didaskália* 37:1 (2007), 185.

A experiência transcendental precisa, portanto, de uma história para poder acontecer e pode mesmo ser negligenciada pela própria história. Ainda assim, a abertura ao transcendente não pode ser eliminada da existência humana, pois é-lhe ontologicamente estrutural. Em última análise, também a história humana não pode existir sem a capacidade transcendental do ser humano.

«A verdadeira historicidade, que não pode confundir-se com o espaço e tempo físicos (...) ou com uma série de ações livres que permanecem particulares, tem o seu fundamento e condição de possibilidade na transcendentalidade do próprio homem».⁷⁷

A história vê-se superada pela experiência transcendental porque a sua origem e o seu horizonte são infinitos; «a experiência transcendental tem a sua fonte fora do domínio do contingente».⁷⁸ A fonte da dimensão transcendental é maior do que o sujeito que a vive e portanto, como vimos anteriormente, projeta-o constantemente para um mais que o supera e lhe dá razões de viver (e morrer). A abertura ao outro, o questionamento que faz da realidade que o envolve, a capacidade de comunicar e relacionar-se, fazem com que a pessoa contribua, com a sua liberdade, para a construção da história da humanidade. O homem, aberto ao transcendente, é o construtor da história e é essa sua estrutura transcendental que lhe permite questionar-se sobre o passado vivido e projetar-se para um futuro que o transcende. Constatase, deste modo, que a construção da história e a experiência transcendental são interdependentes. O ser humano caracteriza-se por uma experiência transcendental que tem a sua origem no mistério absoluto e essa experiência só se realiza, verdadeiramente, na história em que o homem vive e da qual é, também, construtor.

⁷⁷ K. RAHNER, *Curso fundamental sobre la fe*, 175.

⁷⁸ D. TERRA, “Experiência transcendental e existência concreta”, 186.

O aprender a “viver juntos” surge assim como a concretização da construção de uma sociedade justa, solidária e pacífica, a civilização do amor, como gostava de chamar o, recentemente canonizado, Papa Paulo VI.

«Para haver uma verdadeira Paz é necessário dar-lhe uma alma. A alma da Paz é o amor. (...) Sim, é o amor que vivifica a Paz, mais do que a vitória ou a derrota, o medo, o cansaço, a necessidade. A alma da Paz, repetimos, é o amor, que para nós crentes, vem do amor de Deus e difunde-se em amor pelos homens. Esta é a chave do sistema da verdadeira paz, a chave daquele amor que se chama caridade. O amor-caridade gera a reconciliação; é um ato criativo no ciclo das relações humanas».⁷⁹

3.2. A abertura ao transcendente acontece no amor ao próximo

A história é feita de pessoas que vivem em relação umas com as outras e, por isso, podemos afirmar que a experiência transcendental acontece, em primeiro lugar, na relação interpessoal. «O amor ao próximo é o fundamento e o protótipo da moral em geral»⁸⁰, refere Rahner. A capacidade humana de conhecer e interpretar uma determinada realidade e de agir sobre ela advém da estrutura ontológica do ser humano, aqui identificada como “experiência transcendental”, segundo Karl Rahner. É essa experiência humana de abertura que dá condições à pessoa para entender uma multiplicidade de objetos. Entendemos o sentido das coisas porque, de alguma forma, nos apropriamos delas em nós, captando-as e interpretando-as com os nossos critérios. O conhecimento é, deste modo, como que um regressar a si mesmo. Já no que diz

⁷⁹ PAPA PAULO VI, *Homilia de dia 1 de janeiro 1975*, in http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19750101.html, consultado a 17/08/2018 às 11:00.

Original: *Per avere una vera Pace bisogna darle un'anima. Anima della Pace è l'amore. (...) Sì, è l'amore che vivifica la Pace, più che la vittoria e la sconfitta, più che l'interesse, la paura, la stanchezza, il bisogno. Anima della Pace, ripetiamo, è l'amore, che per noi credenti discende dall'amore di Dio e si diffonde in amore per gli uomini. Questa è la chiave del Sistema della vera pace, la chiave di quell'amore, che si chiama carità. L'amore-carità genera la riconciliazione; è un atto creativo nel ciclo dei rapporti umani.*

⁸⁰ K. RAHNER, “Sobre la unidad del amor”, 280-281.

respeito à ação sobre a realidade, a experiência transcendental concretiza-se na liberdade da pessoa, que se manifesta como uma predisposição para o definitivo.⁸¹

A pessoa constrói-se, assim, com o bem que realiza. A sua moralidade, consequência da sua liberdade, constrói a sua existência. Neste sentido, a verdadeira liberdade (aquela que procura e realiza o bem) acontece na comunicação amorosa com um outro ser humano, reconhecido não como adversário, mas como parte de mim. «O ato de amor pessoal para como o ‘tu’ humano é, portanto, o ato fundamental, envolvente do homem, o que dá sentido ao todo, medida e direção.»⁸² A abertura estrutural ao outro revela a sua constituição fundamental, a sua transcendentalidade. «Essa constituição fundamental experimenta-se no encontro concreto com o homem concreto»⁸³ que se materializa na comunicação. Esta última, por sua vez, é a expressão amorosa do ato moral fundamental uma vez que através dela se faz a experiência de acolhimento (ou da negação) do outro. É na comunicação que o homem se compreende enquanto capaz de conhecimento. É também nela que se predispõe livremente ao mistério infinito que o outro é. Assim sendo, constatamos que é na relação com o outro que a pessoa realiza o inabarcável mistério humano. A capacidade de amar entende-se, portanto, como um aspeto nuclear na vida humana. A pessoa é humana, porque é estruturalmente capaz de amar e necessitada de amor. Esta sua capacidade não é um apêndice da sua existência, mas algo que diz respeito à sua vida inteira. De facto, o amor ao outro concretiza-se na corporeidade, na temporalidade e historicidade, na reflexão, na esperança ou no desespero, no confronto permanente com o mistério absoluto e até na predisposição para dar a vida até à morte. Por outro lado, o amor não é uma virtude que adquire de uma vez por todas, mas sim, uma capacidade que vou adquirindo na experiência existencial, tantas vezes sofrida. Trata-se, pois, do acolhimento contínuo de um mistério com o qual a vida humana se depara e que, paulatinamente, a vai realizando. Na verdade, quanto mais a pessoa se abre a esse mistério, mais capaz se torna de viver o amor que

⁸¹ Cf. K. RAHNER, “Sobre la unidad del amor a Dios y el amor al prójimo”, 281.

⁸² *Ibidem.*

⁸³ *Ibidem.*

a realiza. Dá-se, então, uma «relação recíproca entre a abertura transcendental e a disposição para uma ilimitada comunicação e encontro com o outro»⁸⁴. Karl Rahner conclui, assim, que «antes de mais e sobretudo no ato de amor aos outros reúne-se e realiza-se a unidade originária do que é o homem na totalidade da sua experiência»⁸⁵. O homem realiza-se enquanto ser humano quando é capaz de viver a experiência do amor. A este ponto, voltamos ao testemunho com o qual iniciámos este capítulo: «o amor é o supremo e mais elevado objetivo a que o Homem pode aspirar»⁸⁶. O amor humaniza e, por isso, quanto mais amamos, mais humanos nos tornamos. O amor, intimamente dependente do nosso conhecimento e liberdade, torna-se, ele próprio, caminho de plenitude da transcendentalidade humana. Consequentemente, quando a opção humana é contrária ao amor, a pessoa nega a si própria a realização plena que estruturalmente é chamada a viver. A negação do amor conduz o homem a uma autocondenação mortal e solitária, a um absurdo que ele próprio cria.

É nesta dinâmica de relação interpessoal caracterizada pela capacidade de amor que surge a sociedade. Esta não é somente um aglomerado de pessoas, mas o fruto da ação espiritual de cada mulher e cada homem, o resultado da estrutural abertura ao transcendente de cada vida humana. Concluimos, deste modo, que o “viver juntos” alicerça-se profundamente no desenvolvimento desta capacidade humana. Quanto mais abertos ao transcendente formos, mais capazes nos tornamos de “viver juntos”, de construir uma comunidade fraterna centrada na defesa da dignidade humana.

A situação histórica que estamos a viver ao nível das relações humanas – apresentada no 1.º capítulo – revela o quão imprescindível é apostarmos no cuidado da dimensão espiritual da pessoa, uma vez que é nela que a vida em comunidade se alicerça.

⁸⁴ K. RAHNER, “Sobre la unidad del amor”, p.284.

⁸⁵ Ibidem.

⁸⁶ V. FRANKL, *O Homem em busca de um sentido*, p.50.

3.3. A abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos”

Tendo em conta que a vida em grupo é, desta forma, influenciada pela experiência transcendental, torna-se necessário e até imprescindível cuidar desta dimensão humana. A educação a este nível deve passar por um conhecimento e apropriação do mundo dos afetos, das emoções; uma iniciação à prática do silêncio onde pode e deve acontecer a abertura ao outro, a tomada de consciência de que se é habitado. O silêncio continuado conduzirá ao diálogo com alguém, que a espiritualidade cristã reconhece como o próprio Deus. O silêncio e a consciência corporal são a porta de acesso ao encontro com a Presença que nos habita. Não há encontro amoroso maior do que este e, ao reconhecerno-nos amados, tornamo-nos capazes, também nós, de amar. Esta experiência permite-nos contactar de forma autêntica e profunda com o nosso ser: somos seres amados. Essa consciência manifesta-se nas nossas relações interpessoais. Quanto melhor nos conhecemos, melhor somos capazes de conviver, porque o que somos reflete-se na forma como nos relacionamos com os outros. Deste modo, é a partir do trabalho sobre os conflitos quotidianos que podemos melhorar as nossas relações humanas, conscientes de que é o nosso mundo interior aquele que deve ser verdadeiramente conhecido e trabalhado. A identificação das atitudes que levam ao conflito permite o exercício da experiência transcendental da pessoa, uma vez que a coloca em acolhimento e abertura do mistério que é a própria vida. Estes momentos de dificuldade tornam-se, assim, escola de vida, onde aprendemos, não a viver sem conflitos, mas a saber vivê-los e a conhecerno-nos neles.

A proposta da espiritualidade cristã apresenta-se, a este nível, como uma oportuna possibilidade de humanização das relações. Jesus deixa-nos o exemplo de como devemos viver e morrer uns pelos outros, reconhecendo em cada homem e mulher um irmão. Com Ele, e com a sua vida, constatamos a realidade da vida e da humanidade chamada a converter-se em “civilização do amor”.

A Congregação para a Educação Católica manifestou-se, relativamente a este tema das relações interpessoais, num documento orientador intitulado: «Educar ao Humanismo solidário – Para construir uma “civilização do amor”: 50 anos após a *Populorum Progressio*». Baseio-me nestas orientações para apresentar formas de trabalhar esta construção.

A «civilização do amor» é construída pela cultura de diálogo que não é apenas aprender a conversar, mas um encontro profundo que acontece na liberdade e igualdade, que não anula as características e convicções pessoais, mas potencia a partilha das mesmas. É uma realidade onde se reconhece e valoriza a dignidade das pessoas com quem nos relacionamos; dando-lhes a possibilidade de desenvolverem todas as suas capacidades e a própria vocação na procura do bem comum. Neste sentido, há que mencionar as relações inter-confessionais que, tantas vezes, são motivo de dissensões e guerras. A cultura do diálogo deve favorecer a partilha do que de verdadeiro e santo existe em cada religião, de modo a contribuir para a melhor convivência entre as pessoas.

A «civilização do amor» será uma realidade, quando, a par da globalização do consumismo, se verificar também uma globalização da esperança. A esperança cristã está intimamente relacionada com a redenção e, por isso, ela tem a sua origem na verdade de Jesus, morto e ressuscitado. Esperar é acreditar e viver da certeza de uma salvação que já nos foi concedida em Jesus. As relações interpessoais são positivamente condicionadas quando as pessoas vivem desta esperança de salvação pessoal e comunitária, quando se vive da «certeza que Deus tem o mundo nas Suas mãos»⁸⁷.

A «civilização do amor» acontecerá quando todos puderem participar da vida social, quando acontecer a verdadeira inclusão de participação na construção do bem comum. Dar a oportunidade a todos de participar na vida comunitária, deve ser objetivo principal das nossas relações. E para além desta solidariedade com os seus contemporâneos, o homem atual, deve ter em conta a vida das gerações vindouras, deixando-lhes também a possibilidade de uma vida

⁸⁷ BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus é Amor (Deus Caritas est)*, 39, Paulinas, Prior Velho, 2008, 6.^a edição.

digna. Incluir alarga-se, assim, aos que habitarão o futuro, não descurando a preocupação de chegar a todos os que vivem na atualidade.

Finalmente, a construção da «civilização do amor» pressupõe o favorecimento de redes de cooperação. O trabalho em equipa exige e favorece as capacidades elencadas anteriormente: dialogar, esperar, incluir. Ao trabalharmos juntos adquirimos capacidades sociais de negociação, partilha de pontos de vista, resolução de conflitos. Preferencialmente, aprendemos também a resolver, de forma construtiva, as questões mais problemáticas de relação.

Não se pode ser cidadão se não se for pessoa. E sê-lo pressupõe desenvolver, tanto quanto possível, todas as suas potencialidades e dimensões. A Educação à abertura ao transcendente, contribui de forma evidente para esse desenvolvimento, uma vez que conduz a Pessoa à própria essência, à dimensão que melhor lhe confere a humanidade que a caracteriza: o seu ser espiritual.

Conclusão

O estudo da dimensão espiritual da pessoa foi sempre um tema entusiasmante no meu percurso académico. Admiro o teólogo Karl Rahner por ter-se empenhado na defesa de uma estrutural capacidade humana para a relação com o transcendente. A experiência transcendental, que ele apresenta, legitima a atual defesa de uma educação para a espiritualidade. Sendo todo o ser humano capaz de abrir-se ao transcendente, isso significa que todas as pessoas devem cuidar e potenciar essa sua capacidade, tirando daí o benefício de aprenderem a relacionar-se cada vez melhor consigo mesmas, com os outros e com Deus.

Assim, pareceu-me oportuno apoiar-me neste autor para defender, no meu trabalho, a relação estreita que podemos constatar entre o “viver juntos” e a experiência transcendental. De facto, confirmo, a partir das leituras realizadas, do estudo da realidade e da análise da primeira unidade letiva do programa de EMRC do 5.º ano, que, quanto mais consciente for a pessoa da sua estrutural abertura ao outro, tanto mais fácil se torna a sua relação com os demais. A

experiência do amor, para a qual a abertura transcendental tende, realiza plenamente a pessoa e fá-la participar na vida comunitária de forma humanizante, ou seja, potenciando a humanidade dos outros. Esta é a tese defendida neste trabalho: a abertura ao transcendente como alicerce do viver juntos.

Proponho, portanto, à comunidade educativa uma ação de formação para os encarregados de educação dos alunos de EMRC com os seguintes objetivos: refletir sobre o fenómeno do “viver juntos” ao longo da história e mais concretamente na atualidade; apresentar a estrutural capacidade humana de experiência transcendental; defender a espiritualidade cristã como forma de desenvolvimento humano e inter-relacional.

CAPÍTULO III: AÇÃO DE FORMAÇÃO PARA ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Introdução

A presente ação de formação destina-se a pais e encarregados de educação dos alunos de EMRC do 5.º ano. Este momento formativo pretende ser um espaço de partilha de conhecimentos, de reflexão sobre aspetos importantes relativos à vida das crianças e da sua relação com os demais. A formação decorre da lecionação da 1.ª unidade letiva do 5.º ano que tem como tema: “Viver Juntos” e pretende proporcionar um espaço de reflexão sobre a forma como o desenvolvimento da dimensão espiritual pode alicerçar a vida em grupo. Conscientes do impacto pedagógico que o testemunho dos pais tem na vida dos filhos, convocamo-los para um momento de reflexão sobre os temas que tocam diretamente a vida pessoal e social.

São objetivos desta ação:

- ✓ Discutir a relevância da problemática sobre a qual incide a Unidade Letiva n.º 1 do 5.º ano: “Viver Juntos”;
- ✓ Refletir sobre a recuperação de uma educação que pressupõe a integralidade da pessoa;
- ✓ Refletir sobre a relação existente entre a dimensão espiritual e o tema “Viver juntos” na cultura, na sociedade, na família;
- ✓ A partir dos conteúdos da Unidade Letiva n.º 1, dar estratégias aos encarregados de educação para acompanhar os filhos na aprendizagem de uma sã convivência com os pares e demais pessoas;
- ✓ Proporcionar momento de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação.

A ação desenvolve-se em três sessões. Na primeira refletiremos sobre a questão do “Viver juntos” e a forma como foi vivido nos tempos da modernidade, pós-modernidade e atualidade. Constataremos, finalmente, que a par de um progressivo aumentar de violência no

mundo em geral, se tem verificado uma clara desinstitucionalização do crer. A religião, relegada para o sector privado da vida social, deixa de ser procurada para conferir sentido à existência humana. Na segunda sessão aprofundaremos o conhecimento das características da dimensão espiritual do ser humano. Apoiados na reflexão do teólogo, Karl Rahner, recordaremos as formas de manifestação da nossa abertura ao transcendente («experiência transcendental»). Finalmente, na última sessão, veremos de que forma é que o cuidado e desenvolvimento da nossa espiritualidade podem ajudar à construção de uma nova humanidade - a tão desejada, civilização do amor.

Utilizar-se-ão os métodos interrogativo, expositivo e demonstrativo. Procurar-se-á diversificar as estratégias utilizadas, recorrendo com maior frequência a pequenos vídeos com histórias de vida, seguidas sempre de um momento de partilha e reflexão. Para além disso, promover-se-á a leitura e interpretação de um texto, a estratégia da “chuva de ideias” e a realização de tarefas de expressão plástica como síntese da reflexão. A exposição oral, no seu todo, compreenderá, em cada sessão, não mais do que 20 minutos. As sessões terão a duração de 60 minutos. Os recursos didáticos necessários serão: material de escrita (papel, canetas, lápis de vários géneros), computador, projetor e colunas.

Segue-se a fundamentação teórica dos temas que serão abordados na formação.

1. Fundamentação Teórica

1.1. A Unidade Letiva: Viver Juntos

A primeira unidade letiva do 2.º ciclo – “Viver Juntos”, pretende trabalhar com os alunos a nova etapa da sua vida e a serena integração em grupos sociais diferentes e mais diversificados. Os conteúdos propostos são: a mudança como constante da vida, a figura de Abraão como modelo de pessoa em mudança, os grupos de pertença (características, condições de seleção), o tema da Aliança como condição facilitadora da relação entre as pessoas, a importância das regras para a convivência em grupo.

Como já foi referido neste relatório, a unidade letiva é muito adequada a alunos que iniciam um novo ciclo escolar. Estes sentem-se em plena sintonia com quase todos os temas abordados e revêm, na reflexão dos conteúdos, a sua própria experiência. Por outro lado, é uma unidade letiva com um tema de grande atualidade (a vida em grupo) o qual, concretamente, tem-se visto continuamente ameaçado. De facto, a sociedade sempre se debateu (e, ultimamente, à escala mundial) contra a violência e a opressão, apelando sem cessar a uma cultura de paz, à justiça e coesão sociais. Como pudemos constatar no capítulo dois deste Relatório, as ameaças à vida em grupo são uma constante na existência humana e, igualmente, persistente, é o desejo de uma relação pacífica e harmoniosa que parece também habitar o mais profundo do ser humano.

Na Grécia antiga a educação tinha como grande finalidade contribuir «para a formação da alma e para a transmissão do respeito pelos valores morais e patrióticos»⁸⁸. A instrução, por sua vez, destinava-se a dar «competências técnicas ou teorias científicas»⁸⁹ aos jovens. Esta

⁸⁸ F. SAVATER, «O valor de educar», in *O valor de educar, o valor de instruir*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Porto Editora, Lisboa, 2010, 16.

⁸⁹ *Ibidem*.

dupla concepção da formação das crianças e jovens foi tendo diferentes formulações ao longo da história. Na Idade Moderna, concretamente, assistimos a uma sobrevalorização do carácter mais instrutor da educação em detrimento do que na origem se atribui como primeiro significado da educação (transmissão de valores e cuidado da alma). Sinal deste facto é a fraca procura que as ciências humanas têm, ainda hoje, relativamente às ciências exatas, por parte dos alunos. Os efeitos desta escolha têm-se feito sentir nos problemas sociais que se verificam na atualidade, concretamente, entre os mais jovens. A notícia do Jornal Expresso reportada no segundo capítulo, dá conta da atualidade deste tema. O terrorismo é uma forte consequência da falta de valores (justiça, liberdade, tolerância, compaixão) e respeito pela dignidade humana. A violência entre as crianças e jovens em contexto educativo, a dificuldade na relação entre pares, o aumento da desconfiança a par de uma relação multicultural que se faz cada vez mais presente, são alertas que pedem a intervenção educativa de adultos (a começar pelos pais e encarregados de educação).

A legislação⁹⁰ que ultimamente tem orientado o sistema educativo do nosso país, vai ao encontro desta reflexão tão necessária sobre o que estamos a ensinar aos nossos alunos nas escolas. A definição de um *Perfil do Aluno à saída da escolaridade obrigatória* é, de certa forma, uma concretização dessa reflexão. Diz-nos no prefácio, o Dr. Guilherme de Oliveira Martins:

«O aprender a conhecer, o aprender a fazer, o aprender a viver juntos e a viver com os outros e o aprender a ser constituem elementos que devem ser vistos nas suas diversas relações e implicações. Isto mesmo obriga a colocar a educação durante toda a vida no coração da sociedade.»⁹¹

Nos nossos dias, a educação (seja a escolar, como aquela que acontece ao longo da vida) é vista como lugar privilegiado de formação de pessoas pacíficas, capazes de participar com

⁹⁰ Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho.

⁹¹ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*, MEC, 2017.

respeito e responsabilidade na sociedade. O documento já citado fala de um «quadro de referência que pressuponha a liberdade, a responsabilidade, a valorização do trabalho, a consciência de si próprio, a inserção familiar e comunitária e a participação na sociedade que nos rodeia».⁹²

Estes são alguns dos valores que se pretende que as crianças aprendam na escola. Os mesmos decorrem de uma situação social fragilizada pelo individualismo e pela lógica consumista que a ele se associa. Este mesmo tema já tratado no segundo capítulo, corrobora a oportunidade que o professor de EMRC encontra na lecionação da primeira unidade letiva do 5.º ano para trabalhar com os alunos o tema da saudável e necessária vida em grupo.

1.2. A relação Escola- Família: a formação parental

Enquanto sistema educativo deparamo-nos com um outro desafio que dificulta a missão educativa:

«cada vez com mais frequência, os pais e outros familiares que se encarregam das crianças sentem desânimo ou desconcerto perante a tarefa de assegurarem a formação dos critérios mínimos da sua consciência social, e abandonam esse cuidado aos professores e à escola, mostrando depois uma irritação ainda maior perante os fracassos daqueles pelo facto de não deixarem de se sentir obscuramente culpados no que se refere à obrigação que rejeitaram».⁹³

A demissão dos pais no campo educativo trouxe consigo inúmeros desafios e várias limitações. De facto, existe toda uma educação social primária que deve acontecer na família e nunca ser delegada a outras instituições. É um facto que, «para que uma família funcione educativamente, é imprescindível que, nela, alguém se resigne a ser adulto»⁹⁴. A sociedade

⁹² MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*.

⁹³ F. SAVATER, *O valor de educar*, 22.

⁹⁴ *Ibidem*, p.23.

atual, caracterizada pelo desejo mítico da eterna juventude, apresenta-nos figuras parentais mais preocupadas em acompanhar os filhos na condição de amigos do que revestidos da autoridade parental que lhes é própria. Ora, «a formação da consciência moral e social dos filhos não se vê [assim] grandemente favorecida. E é evidente que as instituições públicas da comunidade sofrem uma perigosa sobrecarga».⁹⁵ A escola, vê-se assim forçada a substituir, muitas vezes, o papel dos pais, introduzindo a criança na realidade do que significa viver em sociedade.

«Se os pais não ajudarem os filhos, por meio da sua autoridade amorosa, a crescerem e a preparem-se para ser adultos, serão as instituições que se verão obrigadas a impor-lhes o princípio da realidade, não por meio do afeto, mas da força. E o resultado não será mais do que crianças envelhecidas e desordeiras, em vez de livres cidadãos adultos».⁹⁶

Este discurso torna-se ainda mais pertinente quando nos referimos a crianças que estão em transição do 1.º para o 2.º ciclo, revelando ainda a imaturidade própria da idade e de modo especial, a insegurança diante do novo e a necessária presença e acompanhamento parentais.

1.3. Trabalho Pedagógico com adultos

Verifica-se, deste modo, a necessidade de sensibilizar os pais e encarregados de educação para o acompanhamento dos seus filhos na abordagem destes temas. A Escola abre-se, assim, ao diálogo educativo e pedagógico com os pais na procura de encontrar, através da reflexão e partilha, caminhos a percorrer com as crianças e jovens para se alcançar uma convivência mais pacífica e justa, profundamente respeitadora da dignidade humana. Na verdade, sendo a educação «um processo largo e multiforme que se confunde com o processo

⁹⁵ F. SAVATER, *O valor de educar*, 23.

⁹⁶ *Ibidem*, 24.

da vida do indivíduo»⁹⁷, podemos legitimar a preocupação da Escola em acompanhar também os pais no seu percurso educativo.

A aprendizagem ao longo da vida é uma constatação inevitável, mas também é um “chavão” do nosso tempo. Ao longo da vida, a pessoa não pára de aprender e de crescer. No entanto, nem sempre esse crescimento foi tido em conta da mesma forma pelas autoridades governamentais. Até à Segunda Guerra Mundial, a educação de adultos acontecia em contextos mais informais de cariz associativo ou sindical. No período pós-guerra, ela alarga-se a todos, potenciando o seu desenvolvimento em diferentes dimensões (alfabetização, formação profissional e animação sociocultural). O investimento educativo no público adulto vê-se, assim, enriquecido com a preocupação estatal que todos possam aceder à possibilidade do desenvolvimento permanente das suas capacidades. Essa mesma preocupação foi tendo diferentes nuances ao longo da história, ora acentuando a dimensão mais operativa e profissional da pessoa, ora reforçando o nível mais cultural e social da sua vida. Estabeleceu-se, acima de tudo, uma reflexão sobre a formação de adultos que sistematizou alguns princípios para o trabalho pedagógico com as pessoas em idade adulta.

Apoiada pelo estudo do professor Rui Canário⁹⁸, passo a elencar aqueles princípios que me pareceram mais pertinentes a ter em conta na proposta de formação de pais que seguidamente apresentarei. A formação de adultos deve partir do exercício da descrição e interpretação da história de vida do adulto; ela pressupõe uma transformação individual onde acontecem três tipos de saber - conhecimentos, capacidades e atitudes; a formação acontece na resolução concreta de situações/problemas, na formação-ação, formação-investigação e formação-inovação⁹⁹.

⁹⁷ R. CANÁRIO, *Educação de adultos: um campo e uma problemática*, Educa, Lisboa, 1999, 11.

⁹⁸ R. CANÁRIO, *Educação de adultos*, 21.

⁹⁹ Princípios retirados de um estudo de António Nóvoa de 1988 e que se referia a um contexto de formação profissional.

Um outro estudo apresentado na obra citada, dá conta de um projeto de investigação realizado em contexto de mutações sociais¹⁰⁰ e coloca a «tónica na dimensão social da educação de adultos e na sua capacidade para ajudar a construir respostas adequadas a um ritmo muito intenso e acelerado de mudanças de carácter social, económico, político, cultural e tecnológico»¹⁰¹. São três, as orientações que nos advêm deste estudo sobre a educação de adultos: a educação é um processo contínuo de socialização e por isso não se restringe a lugares educativos, mas acontece de forma articulada com organismos pedagógicos e sociais; não existe um processo uniforme, mas o formador deve «construir processos e sistemas por medida»¹⁰²; o adulto é «co-produtor da sua formação»¹⁰³ e portanto ele participa com o seu *background* no processo educativo.

Ainda baseada na obra do professor Canário, apresento finalmente o modo de trabalho pedagógico proposto por Marcel Lesne¹⁰⁴ que, de alguma forma, orienta a proposta de formação aos pais que apresento neste capítulo. Trata-se do modo de trabalho pedagógico de tipo apropriativo, centrado na inserção social do individuo. Este modo identifica a formação de adultos como um processo de mediação entre o ponto de partida e de chegada da apropriação que a pessoa faz do real. O mesmo é dizer que a formação proposta decorre da experiência social do adulto e concretiza-se no seu regresso a ela, através de uma renovada inserção social.

É esta a grande finalidade da formação que de seguida proponho aos pais: partir da sua experiência enquanto pais que educam crianças no contexto social específico dos nossos dias e chegar à consciencialização de um necessário acompanhamento dos mesmos, ao nível da reflexão e tomada de consciência do que pode ajudar a viver melhor em sociedade.

¹⁰⁰ Relatório elaborado por Gérald Bogard em 1991 para o Conselho da Europa.

¹⁰¹ R. CANÁRIO, *Educação de adultos*, 22

¹⁰² R. CANÁRIO, *Educação de adultos*, 35

¹⁰³ *Ibidem*.

¹⁰⁴ R. CANÁRIO, *Educação de adultos*, 124

1.4. A abertura ao transcendente

A reflexão que pretendo propor aos pais é de procurar conciliar a nossa dimensão espiritual com a vida social, vendo na primeira um alicerce para que a segunda aconteça de forma plena e saudável. Considero que a dimensão espiritual (a abertura ao transcendente) que surge no tema da unidade letiva – “Viver Juntos”, através do conteúdo sobre a Aliança, deve ser clara e aprofundadamente trabalhada, uma vez que, esta pode tornar-se alicerce para uma melhor experiência de convivência entre as pessoas. Por outro lado, esta é uma dimensão, atualmente, pouco valorizada pelas famílias e, portanto, com deficit de reflexão, diálogo e acompanhamento. Torna-se, por isso, importante dotar os pais de uma sensibilidade e capacidade de reflexão sobre a sua dimensão espiritual e, conseqüentemente, a dos seus filhos.

Na lecionação da 1.^a Unidade Letiva do 5.^o ano, “Viver Juntos”, deparei-me com a dificuldade de os alunos associarem a sua dimensão espiritual às relações interpessoais que estabelecem entre eles. Aliás, o tema da espiritualidade é até subvalorizado, uma vez que, na maioria dos casos, não existe prática de diálogo sobre estes temas no contexto familiar. No entanto o ser humano caracteriza-se por uma capacidade ontológica de se abrir ao transcendente.

Essa sua condição concede-lhe a possibilidade de contactar com a sua verdadeira essência que é a sede infinita e de infinito que caracteriza qualquer ser humano. De facto, o homem é desejo infinito e desejo de infinito e este é um grande sinal da sua abertura à transcendência, entendida aqui como infinito. Não se trata, portanto, de uma realidade ligada exclusivamente a uma confissão religiosa, mas de um desejo de absoluto «que vale para todo o homem, qualquer que seja a sua cultura».¹⁰⁵

¹⁰⁵ B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a fé no terceiro milénio*, 41.

É a partir desta certeza que defendemos a tese de que o “viver juntos” torna-se melhor quanto maior for a consciência da nossa experiência transcendental e quanto mais a valorizarmos e a desenvolvermos.

O amor é a forma sublime da abertura ao transcendente, o objetivo último desta capacidade humana. É a «salvação», a meta para a qual tende a realização humana e, conseqüentemente, também a experiência transcendental.

A proposta da espiritualidade cristã apresenta-se, a este nível, como uma oportuna possibilidade de humanização das relações. Jesus deixa-nos o exemplo de como devemos viver e morrer uns pelos outros, reconhecendo em cada homem e mulher um irmão. Com Ele, e com a sua vida, constatamos a realidade da vida e da humanidade chamada a converter-se em “civilização do amor”.

2. Público-alvo

O público-alvo a que se destina esta ação de formação são, fundamentalmente, os Pais e Encarregados de educação dos alunos do 5.º ano de EMRC da Escola Básica de Santo António- Parede, mas também todos os outros adultos da comunidade educativa que estejam interessados no tema.

Tratam-se de adultos de ambos os sexos com idades compreendidas entre os 35 e os 65 anos, com escolaridades muito diversificadas que vão desde o 9.º ano até ao mestrado. A maioria dos encarregados de educação da turma tem o grau académico da licenciatura. No entanto, recordamos o, anteriormente, referido relativamente aos encarregados de educação do Agrupamento: «na sua grande maioria, são trabalhadores por conta de outrem, operários e trabalhadores não qualificados, muitos deles em situação precária de emprego ou no desemprego».

3. Planificação da Ação de Formação

Planificação da Ação de Formação		Público alvo: Pais Encarregados de Educação, outros adultos da comunidade educativa		
Tema	Objetivos	Conteúdos	Métodos/Estratégias	Avaliação
1. ^a Sessão Introdução O problema do “viver juntos” hoje e sempre	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Discutir a relevância da problemática sobre a qual incide a Unidade Letiva n.º 1: “Viver Juntos”; ✓ Proporcionar momentos de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação. 	Apresentação da Unidade Letiva n.º 1: “Viver Juntos”. O desafio do “viver juntos” ao longo da história: modernidade, pós-modernidade e atualidade. O tema do “viver juntos” nas orientações educativas. Erosão do religioso do contexto social. O contributo de EMRC para o tema.	Dinâmica de conhecimento; exposição oral; visionamento de um vídeo; brainstorming.	Partilha orientada e registo em programa <i>wordart</i> .
2. ^a Sessão O cuidado da nossa abertura à transcendência	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Refletir sobre a recuperação de uma educação que pressupõe a integralidade da pessoa; ✓ A partir dos conteúdos da Unidade Letiva n.º 1, dar estratégias aos encarregados de educação para acompanhar os filhos na aprendizagem de uma saudável convivência com os pares e demais pessoas. ✓ Proporcionar momentos de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação. 	Homem: desejo infinito; Homem: desejo de infinito; Liberdade, Responsabilidade, Salvação e Mistério.	Exposição oral, Leitura e comentário de texto, visionamento de vídeo, tarefa de expressão plástica.	Partilha orientada e registo feito pela moderadora.

Planificação da Ação de Formação		Público alvo: Pais Encarregados de Educação, outros adultos da comunidade educativa		
Tema	Objetivos	Conteúdos	Métodos/Estratégias	Avaliação
<p>3.ª Sessão A abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos” Conclusão</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Refletir sobre a relação existente entre a dimensão espiritual e o tema “viver juntos” na cultura, na sociedade, na família; ✓ A partir dos conteúdos da Unidade Letiva n.º 1, dar estratégias aos encarregados de educação para acompanhar os filhos na aprendizagem de uma saudável convivência com os pares e demais pessoas; ✓ Proporcionar momentos de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação. 	<p>Amor: sublime forma de abertura ao transcendente; abertura à transcendência na história; abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos”; a Aliança.</p>	<p>Exposição oral, visionamento de vídeo, tarefa de expressão plástica.</p>	<p>Formulário de avaliação.</p>

4. Planificação das Sessões

Sessão 1 : O desafio de “viver juntos”
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Discutir a relevância da problemática sobre a qual incide a Unidade Letiva n.º 1: “Viver Juntos”;✓ Proporcionar momentos de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação.
<p>Conteúdos: Apresentação da Unidade Letiva n.º 1: “Viver Juntos”. O desafio do “viver juntos” ao longo da história: modernidade, pós-modernidade e atualidade. O tema do “viver juntos” nas orientações educativas. Erosão do religioso do contexto social. O contributo de EMRC para o tema.</p>
<p>Método/Estratégias: Dinâmica de conhecimento; exposição oral; visionamento de um vídeo; brainstorming (wordart).</p>
<p>Materiais: Computador, Projetor, “Dinâmica da agenda” - anexo 1, Apresentação de <i>Powerpoint</i> (PPT) - anexo 2.</p>
<p style="text-align: center;">Descrição</p> <p>Acolhimento Bem-vindos a este encontro de partilha e reflexão. Agradeço-vos terem acolhido este convite e terem arriscado estar aqui a dar tempo à educação dos vossos filhos. Mais do que uma ação de formação, este pretende ser um momento de encontro e partilha. Vamos falar de temas conhecidos, mas, quem sabe, um pouco esquecidos. A viagem que proponho nas três sessões que vos desafio a fazer é ao nosso ser humano. Apreciamos e procuramos fazer viagens para conhecer o nosso mundo, que é tão belo, mas estamos, de um modo geral, pouco habituados a fazer viagens interiores.</p> <p>Apresentação Façamos, desde já um exercício. Vamos fazer uma breve apresentação e com o nosso nome dizer qual era o nosso sonho de infância. Vou pedir-vos um primeiro exercício de silêncio, de um minuto, para pensarmos no que queremos partilhar. (silêncio) (Segue-se a apresentação de cada participante, a começar pela moderadora do encontro, seguida de um comentário relativo ao mundo interior que nos habita.) O que sentiram ao recordar o vosso sonho de infância? Parece que fazemos reviver algo em nós! É como se contactássemos com um mundo que nos habita, mas que por vezes se encontra adormecido. Teremos oportunidade de aprofundar este tema mais à frente.</p> <p>Apresentação da Unidade Letiva (dinâmica) Convidei-vos a estar aqui hoje para falarmos sobre a capacidade (ou incapacidade) dos nossos filhos em “viver juntos”. Como sabem esse é o primeiro tema das nossas aulas de EMRC deste ano. “Viver juntos”! Vamos começar por fazer uma dinâmica para entrar neste tema. Trata-se de “marcar alguns encontros” entre nós para discutirmos determinados assuntos. Passo a explicar (anexo 1): como temos agendas muito ocupadas durante todo o dia, vamos preenchê-las mais um pouco.</p> <p>Então? Como se sentem? Depois destes encontros e das partilhas, com certeza, já nos sentimos mais à vontade uns com os outros. Reforço que um dos grandes objetivos destes</p>

encontros, é aprendermos uns com outros e para isso é fundamental sentirmos que todos podemos e devemos dar o nosso contributo. Todos ficaremos a ganhar com isso.

Exposição oral do tema

Mas, passando ao nosso tema, gostaria de comentar o tema de conversa das “últimas horas”: O que é mais difícil para ti no trabalho com os outros? É necessário vivermos em grupos? Porquê? (Escutar as respostas e deixar que partilhem livremente. Aproveitar o que é dito para continuar o diálogo e passar à apresentação do tema: “O problema do viver juntos hoje”- (PPT – anexo 2)

De facto, viver juntos foi, e sempre será, um grande desafio da nossa vida. No entanto, é um risco que temos de enfrentar pois ninguém pode viver sem relação com outros. Prova disso são algumas pinturas rupestres que retratam a vida e a solidariedade de grupo primitivas ou o bebé dos nossos dias que só se entende como pessoa porque, na relação com os pais, ou aqueles que cuidam dele, percebe que existe outra pessoa para além dele, de quem, inclusivamente, depende. A relação é ontológica na nossa vida, faz parte do nosso ser.

Todavia, a vida em grupo tem naturais limitações que partem do mais íntimo do ser humano e se dirigem ao outro que está ao seu lado. O autor do primeiro livro bíblico dá conta desta ferida da condição humana. Caim mata o seu irmão Abel sem razão aparente, ou melhor, muito provavelmente movido por um sentimento negativo que, nascido no seu coração, concretiza-se no ato de violência mortífero. O mesmo livro apresenta-nos, capítulos antes, a necessidade humana de relação, concretizada no desejo manifestado por Deus em conceder uma companhia ao homem: «O Senhor Deus disse: “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele.”» (Gn 2, 18).

A História das civilizações é uma história de procura de comunhão, certamente com altos e baixos, avanços e recuos, mas também com uma tensão contínua para essa meta que é a relação interpessoal. A relação entre os homens tem sido tema de reflexão de grandes pensadores, do presente e do passado.

Pensemos no tempo da **Modernidade**, caracterizada pela autonomia do sujeito e pela exaltação da razão e da ciência; início da privatização do religioso e imposição da secularização. O ideal de uma paz perpétua, preconizado pelos filósofos da altura, não se viu alcançado e começou a desilusão. O homem sente-se, efetivamente, só, pois foi deixado no centro do mundo, certo de que se basta a si próprio, o que é falso.

Segue-se a **Pós-modernidade**, um tempo de desencantamento, relativamente às conquistas do século das luzes; é o século das grandes guerras, do uso da ciência para destruição de seres humanos em massa. E chegamos à atualidade que não tem mostrado melhorias, ao nível dos conflitos e das guerras. As imagens que nos chegam todos os dias falam por si. É importante notar que a par destes acontecimentos, constatamos um esquecimento cada vez maior da dimensão espiritual da pessoa. A própria sociedade foi retirando do cenário público as instituições religiosas que garantiam acompanhamento espiritual às pessoas e fomo-nos sentido cada vez mais “órfãos”, deixados ao cuidado de nós próprios, no que diz respeito à dimensão espiritual. O pós-guerra trouxe consigo inúmeras iniciativas que apelavam à paz e à convivência entre os povos. A Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948) é uma das grandes obras desse período.

Na **atualidade** assistimos a um renovado e insistente pedido por parte da Igreja, na pessoa do Papa Francisco, para olharmos uns para os outros de forma mais fraterna, como podemos constatar nos seguintes excertos da 1.^a exortação apostólica do nosso estimado Papa.

No mesmo sentido, assistimos hoje a uma clara orientação educativa para as atitudes e valores. O Relatório da UNESCO (1996), “Educação: um tesouro a descobrir”, aponta o

“aprender a viver juntos” como um dos quatro pilares para a educação do séc. XXI; o Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória (2017) orienta, de forma explícita, o ensino para as atitudes e valores: «a liberdade, a responsabilidade, a valorização do trabalho, a consciência de si próprio, a inserção familiar e comunitária e a participação na sociedade que nos rodeia.»

Erosão da dimensão religiosa

No que diz respeito à dimensão espiritual, assistimos, por um lado, a uma intolerância religiosa, potenciada pelos extremismos fundamentalistas que se fazem sentir em todo o mundo e, por outro, à procura de diferentes formas de espiritualidade (as orientais são muito procuradas) e adesão a diversos movimentos religiosos comunitários, mas não institucionais. As igrejas estão cada vez mais vazias, mas isso não é sinal de um desinteresse religioso, mas sim de um desacreditar nas instituições. A adesão a várias manifestações de carácter religioso dá conta da necessidade que sempre temos de estar “ligados” (alusão ao significado etimológico da palavra religião = religion). Não podemos viver sem procurar o sentido das coisas e, normalmente, fazemo-lo em contextos comunitários.

Contributo da EMRC

É neste contexto que se insere também a disciplina de EMRC chamada a «renovar sentido, conferir unidade ao que está estilhaçado» (Programa de EMRC, p.52). A unidade letiva com que começa o 2.º ciclo quer ajudar as crianças a acolherem, da melhor forma, o novo que lhes é proposto. A diversidade de grupos a que serão chamados a participar é lugar de encontro, partilha, mas também de conflito, de limitação. É preciso, portanto, “aprender a viver juntos”! Eles e nós (que nos deparamos quotidianamente com esse desafio). E para isso é fundamental que recuperemos o conhecimento e o cuidado da nossa vida interior, daquilo que não se vê, mas que existe e que na verdade é o que “anima” a nossa vida.

Tarefa em família

Mas quais são as vantagens da vida em grupo? Convido-vos a assistir a um pequeno vídeo e a levarem como missão para casa – Tarefa de Família - o visionamento do mesmo com os vossos filhos. Procurem ver com eles quais são as características necessárias de um grupo. Ou seja, identificar o que é que um grupo tem de ter para funcionar bem. Ver filme: <https://www.youtube.com/watch?v=4We7SNkSYTk>¹⁰⁶ - Trabalho em equipe (PINGUINS-FORMIGAS-CARANGUEIJOS).wmv.

Avaliação

Pedia agora que, em jeito de conclusão e avaliação desta sessão, fizéssemos um exercício de silêncio e que trouxemos à nossa mente o que vimos, ouvimos, partilhámos, fizemos e que procurássemos resumir numa palavra o que aqui experienciamos hoje (silêncio). Peço agora que vão partilhando livremente. (Enquanto partilham vai-se escrevendo no programa WordArt online que fará uma imagem com as palavras referidas).

Agradeço a presença de todos. Não se esqueçam da tarefa em família. Até à próxima!

¹⁰⁶ O vídeo é da autoria da LIJN, uma empresa de transportes públicos belga que convida à escolha do transporte coletivo. Para atingir este objetivo apresenta a imagem de três grupos de animais (pinguins, formigas e caranguejos) que diante de um perigo, unem-se para conseguirem sobreviver. A mensagem: “it’s smarter to travel in groups” pode ser aproveitada para trabalharmos com pais e filhos as vantagens de “vivermos juntos”.

Sessão 2 : O cuidado da nossa abertura à transcendência

Objetivos:

- ✓ Refletir sobre a recuperação de uma educação que pressupõe a integralidade da pessoa;
- ✓ A partir dos conteúdos da Unidade Letiva n.º 1, dar estratégias aos pais e encarregados de educação para acompanhar os filhos na aprendizagem de uma sã convivência com os pares e demais pessoas.
- ✓ Proporcionar momentos de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação.
- ✓

Conteúdos: Homem: desejo infinito; Homem: desejo de infinito; Liberdade, Responsabilidade, Salvação e Mistério.

Método/Estratégias: Exposição oral, Leitura e comentário de texto, visionamento de vídeo, tarefa de expressão plástica.

Materiais: computador, projetor, Apresentação de PPT - anexo 3, Texto: “*Higiene do Homem interior*” - anexo 4, folhas A4, revistas, jornais velhos, lápis de cor, cera, canetas e feltro.

Descrição

Acolhimento

(Inicia-se a sessão com a projeção da imagem *Wordart* realiza no final da última sessão. c.f. Anexo 3 - PPT)

Bem-vindos novamente. Gostaria que iniciássemos esta segunda sessão, recordando as palavras que mais nos marcaram na última vez. (Depois da leitura silenciosa das palavras continuar com o acolhimento).

Recordam-se da tarefa de família proposta no nosso último encontro (“identificar o que é que um grupo tem de ter para funcionar bem”)? Quem a conseguiu realizar? Peço, então, que partilhem com todos o que dialogaram com os vossos filhos!

(deixar que partilhem e ir apontando as ideias. A experiência deste exercício realizado em aula com as crianças é, normalmente, muito positiva e costumam chegar a diferentes conceitos como, por exemplo: união, coordenação, cooperação, solidariedade. Estes serão, provavelmente, os termos mais referidos pelos pais).

De facto, há qualquer coisa que nos motiva na vida em grupo que ultrapassa a mera sobrevivência. Essa parte também é fundamental e importante, de qualquer forma, gosto, por exemplo, de sublinhar no filme das formigas, que elas abandonam o alimento que levam na mão para se organizarem para salvar uma das suas companheiras. Normalmente sublinho isto com as crianças em aula, para reforçar esta ideia: nas relações que mantemos com o mundo as pessoas valem mais do que as coisas. Infelizmente, esta não é uma certeza descontada nos nossos dias.

Então o que fará com que a formiga deixe a sua comidinha e vá ajudar a amiga? O que faz com que deixemos alguma coisa para ajudar um amigo, para ir visitar um familiar doente, para nos levantarmos de duas em duas horas para dar de mamar ao bebé? Nós somos mais do que meramente biologia, somos também espírito que reclama cuidados.

Abertura ao transcendente – dimensão espiritual

Hoje queria entrar numa outra fase da nossa viagem. Quero falar um pouco deste ser espiritual que somos e que tanto influencia as nossas relações.

Começo por vos apresentar um texto interessante que nos fala da higiene do homem interior (Anexo 4- texto do Pe. Rui Santiago, cssr). Lemos juntos?! Quem nos empresta a sua voz? (leitura)

Comentários? O que chama mais atenção, a cada um, neste texto? (deixar um momento de partilha).

Cuidar da higiene do nosso homem ou da nossa mulher interior pode assumir diferentes formas: «conversa sincera e tranquila com Deus, texto de meditação, simplesmente o Silêncio». Costumamos fazer alguma destas coisas? Bem sabemos que nos é difícil, não estamos habituados a parar, assim gratuitamente, sem ser no trânsito, ou numa fila nas finanças ou na esplanada à espera do café.

Mas hoje gostaria de chamar a vossa atenção para esta necessidade de pararmos para cuidarmos do nosso espírito. Há uma lenda que conta que um europeu e um índio iam a andar em direção a um lugar e a um certo momento o índio parou, ao que o europeu questionou o porquê. O índio respondeu que estavam a andar muito depressa e que o seu espírito não o conseguia acompanhar. Tinha de esperar por ele. A história retrata bem a agonia que deve viver o nosso Espírito diariamente para nos “apanhar”! E como se manifesta o nosso espírito? A resposta ao como se manifesta a nossa dimensão espiritual podemos obtê-la a partir da pergunta: o que é o homem?

Se quisermos responder para além da definição etimológica e biológica, chegaremos a duas certezas: a pessoa é **desejo infinito** e de **desejo de infinito**.

Faço-me ajudar por um grande teólogo do séc. XX- Karl Rahner, que muito se dedicou a falar com os não crentes do seu tempo, procurando uma linguagem científica que pudesse ser comuns a crentes e não crentes.

Diz-nos Rahner que a dimensão espiritual que a todos assiste se manifesta através de uma «experiência transcendental», ou seja, defende que todas as pessoas têm a capacidade de se abrir ao transcendente, ao outro e ao Outro. E essa capacidade compreendemo-la através das duas características que já mencionei: desejo infinito e desejo de infinito.

Homem: desejo infinito – cada um de nós tem uma personalidade única e, portanto, subjetiva quando nos tentamos perceber, deparamo-nos com a dificuldade de olhar objetivamente para nós próprios porque somos efetivamente, subjetividade. Em relação ao homem não há uma investigação concluída, mas sempre uma pergunta que o leva mais além, um desejo infinito que o coloca sempre em caminho. Há uma experiência pessoal que não pode apagar nem negar. O nosso ser pessoa também é o que nos dá a capacidade de dialogar com outros.

Mas o nosso desejo de infinito também se pode constatar na capacidade que temos de refletir sobre a própria existência e de perceber que é inevitável questionar o sentido da nossa vida. E aqui surge uma primeira palavra forte que quero sublinhar: somos livres. É a nossa liberdade que nos dá a capacidade de questionar ou não. E, curiosamente, a liberdade não a podemos escolher! Mesmo que não queiramos fazer nenhuma escolha, já estamos a escolher não escolher. A liberdade é um claro exemplo de como temos uma estrutura prévia ao nosso querer, à nossa vontade.

Rahner defende que a liberdade influencia a forma como vivemos a nossa «experiência transcendental», a capacidade de nos abirmos ao transcendente, pois apesar de todos sermos capazes dessa abertura, podemos escolher não colocar essa questão na nossa vida, ou mesmo negá-la. Parecerá, assim, que não a temos, ou seja, que não temos capacidade de abertura ao transcendente, mas isso é falso. Nós só temos possibilidade de a negar porque ela existe em nós.

O desejo infinito do homem manifesta-se ainda no seu desejo incessante de conhecimento das pessoas, das coisas e do mundo. É difícil contentar-se! Há como que uma procura constante de mais. Se por um lado a dor e a angústia deixam um vazio, por outro, a esperança, a liberdade e a responsabilidade manifestam uma plenitude que o satisfaz. É como se soubéssemos que fomos feitos para isso e não para o contrário, que tantas vezes nos acontece. E, assim, começamos já a ver que desejamos o infinito.

Homem: desejo de infinito. Liberdade e Responsabilidade são manifestações da nossa experiência de transcendente. A Responsabilidade é o corolário da liberdade. E a Liberdade é mais do que o livre-arbítrio. Quem me pode ajudar a fazer esta distinção? (Criar um pequeno momento de diálogo).

De facto, o livre-arbítrio permite-nos escolher entre duas coisas, seja qual for o seu valor moral, a liberdade é a capacidade que temos de escolher o bem, “a coisa certa”, o melhor para todos. Daí o exercício da liberdade ser algo de tão nobre, delicado e exigente na nossa vida. Trago-vos aqui um exemplo de alguém que, porque exerceu da sua liberdade, deu vida a um outro. Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=2Liy_1kYaZ0¹⁰⁷—O amor vem do lugar mais improvável. Comentários?!

Aproveito o testemunho para falar de uma outra característica do nosso desejo de infinito. Todos, de alguma forma desejamos ser muito felizes. Rahner chama a esse desejo- desejo de SALVAÇÃO. Há dentro de cada um de nós uma profunda ânsia de ser feliz, é o que todos desejamos, por exemplo, para aqueles que amamos e por isso nos desdobramos em trabalhos e tarefas para que os nossos filhos o sejam.

Mas o que é a FELICIDADE? Como a estamos a viver. Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=e9dZQeIUldk>¹⁰⁸— *Happiness*

O que nos diz esta fábula sobre a nossa vida? (momento de partilha)

Muitas vezes procuramos a felicidade em lugares errados. O nosso desejo de felicidade é tão grande e profundo que nada de material nos pode saciar.

«Na realidade, é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontráis vos satisfaz»¹⁰⁹

De facto, trata-se da ideia de que existe em cada pessoa o desejo insistente e infinito de salvação (felicidade) que move as suas ações, as suas escolhas, a sua liberdade. No entanto, ainda que o ímpeto seja interior, o homem parece não encontrar dentro de si mesmo essa resposta de salvação; experimenta uma tendência a procurar fora de si a salvação.

Há como que um MISTÉRIO que nos antecede. Ninguém pediu para nascer! Foi-nos dada esse grande dom que é a vida. Magnífico, sublime, inesperado! O grande mistério e milagre da vida que vale a pena recordar: vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=GQ33ekqml-A&list=LLiGXVJMXycAAcji3xSukFfw&index=232>¹¹⁰

¹⁰⁷ O amor vem do lugar mais improvável. O vídeo é um extrato de HUMAN, o filme de Yann Arthus-Bertrand. Trata-se de um testemunho de um homem condenado por homicídio que descobriu o verdadeiro significado do amor quando conheceu a mãe e avó daqueles que ele assassinou. Essa experiência de perdão fê-lo tomar consciência que o amor não mata, mas renova a vida, até aquela que parece perdida.

¹⁰⁸ Um filme de Steve Cutts que pretende ser uma crítica ao consumismo desenfreado da sociedade que parece ser, todavia, uma procura de felicidade.

¹⁰⁹ http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2000/jul-sep/documents/hf_jp-ii_spe_20000819_gmg-veglia.html

¹¹⁰ L' Odyssée de la Vie – Um extrato do filme de Nils Tavernier que retrata o início da vida humana e o seu desenvolvimento no útero até ao momento do nascimento.

Há um Mistério prévio ao nosso ser que permitiu que a nossa vida acontecesse. Uma realidade maior do que nós que nos envolve. «Está connosco, está por nós, mas não em nosso lugar». Podemos constatar a transcendentalidade humana na dependência da pessoa deste outro (ou Outro) que existe antes de nós. Verificamos que, apesar da sua subjetividade, a pessoa experimenta-se como que dependente de uma estrutura – um ser- que lhe foi dada *a priori* e que não pode alterar.

Conclusão

Resumindo: A nossa Subjetividade, Liberdade e Responsabilidade, desejo de Felicidade e o Mistério que envolve toda a nossa vida são manifestações da nossa capacidade de abertura ao transcendente. De facto, não somos só matéria, biologia pura, somos também Espírito. Quanto mais cuidarmos do nosso ser espiritual, melhor viveremos todas essas características da nossa existência. Seremos mais livres, mais responsáveis, mais felizes e acolheremos cada vez melhor o mistério que se nos vai apresentando diariamente.

Atividade prática – “Postal da vida”

Proponho que, para terminar esta sessão, façamos um pró-memória da nossa vida em forma de postal para oferecermos aos nossos filhos – “Postal da vida”.

Ao pensar nas questões apresentadas - Quem sou eu? Como foi a minha vida até aqui? Que situações/acontecimentos a marcaram positivamente e negativamente? Pessoas significativas? - e noutras que consideremos pertinentes para a nossa vida, vamos construindo, numa folha A4, o nosso “Postal de Identificação”; procurarão criar uma colagem usando fotografias, palavras, desenhos ... O objetivo é procurar dizer "quem sou eu" de forma simbólica. Colam o que fizeram no papel. (15 minutos de reflexão e construção em silêncio com música ambiente- *Sanctus Dominus*, Margaret Rizza). Oferecendo este postal aos vossos filhos recordem-lhes que eles são fruto do vosso amor, mas sobretudo do Mistério divino que permitiu que eles se formassem no ventre materno. A oferta do postal é uma recordação simbólica da vossa vida entregue por eles.

Se for oportuno e possível, pedia-vos que me enviassem, se assim o desejarem, uma foto vossa com os vossos filhos no momento desta entrega. Pode-nos ser útil para a última sessão. Enviar para o email: pastoral.csa@salesianas.pt.

Avaliação

E para terminar pedia-vos o mesmo exercício de avaliação da última vez: um momento de silêncio para integrarmos e trazermos à mente e ao coração, o que vivemos neste tempo juntos. Procuremos sintetizar o que sentimos numa palavra.

(Regista-se o que os participantes partilham). Agradeço e despeço-me!

Sessão 3 : A abertura ao Transcendente como alicerce do “viver juntos”

Objetivos:

- ✓ Refletir sobre a relação existente entre a dimensão espiritual e o tema “viver juntos” na cultura, na sociedade, na família;
- ✓ A partir dos conteúdos da Unidade Letiva n.º 1, dar estratégias aos encarregados de educação para acompanhar os filhos na aprendizagem de uma sã convivência com os pares e demais pessoas;
- ✓ Proporcionar momentos de partilha e aprendizagens sociais entre os encarregados de educação.

Conteúdos: Amor: sublime forma de abertura ao transcendente; abertura à transcendência na história; abertura ao transcendente como alicerce do “viver juntos”, A Aliança.

Método: Exposição oral, visionamento de vídeo, tarefa de expressão plástica.

Materiais: Folhas, fio (vários tipos), lápis de cor, de cera, canetas de feltro, papéis coloridos. Apresentação de PPT – Anexo 5, folha de avaliação – anexo 6.

Descrição

Acolhimento

Boas-vindas e acolhimento. (Contando que os participantes enviaram alguma foto sua com os respetivos filhos, estas serão projetadas no momento inicial, caso ninguém o tenha feito serão projetadas outras fotografias com o mesmo tema: relação entre pais e filhos). Como acolheram os vossos filhos o presente que lhes levaram? (Deixar momento para partilhas). (PPT – Anexo 5)

Estamos recordados das dimensões do nosso ser que manifestam a nossa abertura ao transcendente? Liberdade, Responsabilidade, desejo de Salvação, acolhimento do Mistério.

O amor: sublime forma de abertura ao transcendente

Continuamos a nossa caminhada em direção ao nosso interior para hoje chegarmos ao coração: o AMOR.

As fotos que vemos diante de nós, são expressão desta nossa grande capacidade humana: AMAR.

O AMOR é a forma sublime da abertura ao transcendente, o objetivo último desta capacidade humana. O amor é aqui entendido como a «salvação» referida na sessão anterior, a meta para a qual tende a realização humana e, conseqüentemente, também a experiência transcendental. O amor não é só poesia (Luís de Camões), algo abstrato! Aliás, é até tão concreto que temos de usar linguagem simbólica para o dizer. Só quem já esteve apaixonado consegue perceber o que autor entende por “arder sem se ver”, “ferida que dói e não se sente”, “contentamento descontente”.

A nossa abertura ao transcendente acontece numa história concreta, em vidas reais, nas vicissitudes próprias de cada existência e de cada tempo. E porque depende da história, existem momentos mais propícios do que outros para esta nossa capacidade se desenvolver. Assistimos, por exemplo, a um momento histórico em que a sobrevalorização da ciência e da tecnologia, como que anula a importância da dimensão espiritual da pessoa; o mesmo poderíamos dizer relativamente à exaltação das dimensões física que descarta o cuidado da vida espiritual.

No entanto, a nossa Liberdade conduz-nos para a experiência do amor. Daí termos dito, também na última sessão, que liberdade é diferente de livre-arbítrio, na medida em que é a nossa capacidade de escolher o bem, o amor.

Somos mais livres quando construímos sociedades mais justas, quando vamos concretizando o ideal da “civilização do amor” proclamada pelo Papa Paulo VI. O aprender a “viver juntos” é aprender a construir essa civilização justa, solidária e pacífica.

Parafraseando o nosso Papa Francisco, peço-vos: Famílias, não deixem que vos roubem o ideal do amor! A família é o lugar privilegiado onde o amor acontece. As vossas vidas ficaram transformadas com o nascimento dos vossos filhos. Esse dia, essa experiência, não são meramente físicas, são expressão de uma abertura ao transcendente que viveram em primeira pessoa, no mais profundo do vosso ser e que por isso nunca esquecerão. Nunca esqueçam esse grande dom de vida que ajudaram a vir ao mundo. Esse foi um momento sublime de abertura ao transcendente, à vida que vos foi dada. Por isso é que a vida não se pode comprar, vender, usar, desbaratar. A vida é a maior prenda que um dia alguém nos deu, devemos cuidá-la e transmiti-la.

A verdadeira liberdade (aquela que procura e realiza o bem) acontece na comunicação amorosa com um outro ser humano, reconhecido não como adversário, mas como parte de mim. É este o espírito de fraternidade de que fala a Declaração Universal dos direitos do Homem e antes disso, Jesus Cristo quando nos deixa o seu mandamento de amor: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo15, 12).

A pessoa é humana, porque é estruturalmente capaz de amar e necessitada de amor. Esta sua capacidade não é um apêndice da sua existência, mas algo que diz respeito à sua vida inteira. De facto, o amor ao outro concretiza-se no corpo, no tempo e na história, na reflexão, na esperança ou no desespero, no confronto permanente com o mistério absoluto e até na predisposição para dar a vida até à morte.

Testemunho

Escutemos mais um testemunho de alguém que viveu este amor de forma total, plena.

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=wQu882ja8Xs>¹¹¹- (Deixar espaço para comentários).

O amor não é uma virtude que adquire de uma vez por todas, mas sim, uma capacidade que vou adquirindo na experiência da vida, tantas vezes sofrida. O amor humaniza e, por isso, quanto mais amamos, mais humanos nos tornamos, mesmo que custe. A jovem mãe que agora escutámos viveu a sua humanidade de forma completa, porque amou tudo o que podia, dando a própria vida ao seu filho.

As dificuldades do viver juntos acontecem nos momentos em que escolhemos não amar, em que por qualquer motivo, optamos pelo egoísmo, pela violência, pela indiferença. Reconhecer isso é já um passo para começarmos a viver mais do espírito.

Estratégias para potenciar a abertura ao transcendente

Nesta segunda parte da sessão vamos elencar algumas estratégias de cuidado da nossa dimensão espiritual, ou seja, passos que poderão ajudar as nossas crianças a serem mais felizes porque mais capazes de viverem melhor com os outros.

Efetivamente são necessárias algumas condições para “vivermos juntos”:

1.º passo - É necessário o **SILÊNCIO** – durante estas sessões procurámos fazê-lo em determinados momentos e olhem é tão importante e nada descontado. É curioso ver que o

¹¹¹ Vídeo da Rede Mundial de Oração do Papa - Portugal que apresenta a história de Chiara Petrillo, uma jovem mãe italiana que morreu com 28 anos, em Junho de 2012, vítima de cancro, por ter posto a vida da criança que trazia no ventre à frente da sua. Esta história comoveu centenas de milhares de pessoas em Itália, que quiseram saber mais sobre esta jovem, testemunha de uma profunda confiança em Deus e, sobretudo, do poder do amor materno. Um testemunho de fé e de vida que manifesta o que há de mais sagrado e forte no casamento e na maternidade, a entrega da própria vida por amor. Porque “o importante na vida não é fazer grandes coisas, mas nascer e deixar-se amar”.

Papa Francisco usou a estratégia do silêncio no Sínodo dos Bispos sobre os “Jovens, a fé e o discernimento vocacional” - foi pedida uma pausa de 3 minutos de silêncio depois de cada 5 intervenções. Habitue-mo-nos a fazer silêncio, por exemplo no final do dia, como forma de orar, de identificar uma coisa a agradecer e algo a pedir perdão. Este é um exercício cristão – Exame de Consciência- que muito contribui para a saúde do nosso Espírito. Temos que nos habituar a olhar a vida e a agradecer aquilo que nos acontece.

2.º passo -Tomar **CONSCIÊNCIA do nosso CORPO**, relaxando-o; procurando senti-lo e “descansá-lo”. A par do corpo, é preciso tomar **CONSCIÊNCIA das nossas EMOÇÕES**. Procurar dar nome ao que estamos a sentir. Se por exemplo estou a ficar irritado na conversa ou no trabalho com alguém, será importante começar por tomar consciência que estou com essa emoção e depois procurar perceber o motivo. Às vezes, estamos com ciúmes de alguém, gostaríamos de ter o tratamento que determinada pessoa teve e isso faz com que tenhamos uma atitude menos positiva, mais agressiva. Muitas vezes nem entendemos logo o porquê das coisas, mas importa parar e procurar o seu sentido. Tudo tem um sentido e um porquê. Podemos nem sempre chegar lá, mas ao menos tentamos e já essa tentativa é cuidar da nossa abertura ao transcendente.

3.º passo - **DIÁLOGO E ESCUTA ativa**. É importante escutar com atenção. O sínodo dos Bispos diz-nos que «A escuta é um encontro de liberdades, que exige humildade, paciência, disponibilidade para compreender, esforço por elaborar de maneira nova as respostas» (Documento Final, 6).

Os jovens pediram-no muito aos adultos: «Os jovens são chamados continuamente a realizar opções que norteiam a sua existência; exprimem o desejo de ser ouvidos, reconhecidos, acompanhados. Muitos sentem por experiência que a sua voz não é considerada interessante nem útil no âmbito social e eclesial. Em vários contextos, verifica-se pouca atenção ao seu clamor, de maneira particular ao daqueles que são mais pobres e explorados, e também a falta de adultos disponíveis e capazes de ouvir» (Documento Final do Sínodo, n.º 7).

4.º passo - É necessária disponibilidade interior para a **COOPERAÇÃO**, a boa vontade para trabalhar com outros.

5.º passo – Será desejável, continuar o trabalho da nossa experiência de transcendente no cuidado da nossa **RELAÇÃO COM DEUS**. Ele é o Transcendente absoluto e é Ele o que nos torna capaz de conhecermos, agirmos e nos entregarmos por amor, ou seja, de viver em plenitude. Deus fez e continua a fazer uma Aliança com a humanidade. Realiza-a também com cada um de nós fazendo-nos uma promessa de felicidade e pedindo-nos a nossa parte que se deve concretizar na entrega da nossa vida como dom para os outros.

Garantir um tempo por dia, ainda que seja breve, para uma conversa sincera e tranquila com Deus que pode começar com a leitura de um excerto dos evangelhos e continuar com um tempo de silêncio, é um exercício fantástico para o cuidado do nosso ser espiritual.

A Aliança

Aliança é também a forma como somos chamados a viver uns com os outros: tomando consciência de quem somos, comprometendo-nos com o bem dos outros, acolhendo a força que Deus concede para a realização desse maior bem a que somos chamados. Para simbolizar este compromisso proponho que construamos uma “aliança de pais”. Cada pessoa escreve numa tira de papel o que, a seu ver, faz mais falta para vivermos melhor juntos. (entrega das tiras onde se deve escrever: “Para viver melhor com os outros preciso de...”).

Conforme formos terminando peço que me entreguem para irmos montando a nossa “aliança de pais” (fá-lo-emos através do encadear das tiras em forma de elos de uma cadeia. A mesma

atividade será feita com os filhos na última aula da unidade letiva. A “aliança de pais” ficará exposta na sala de aula dos filhos).

Tarefa de expressão plástica

Convido-vos a fazermos um último exercício prático. Seria bom e desejável que o que falámos aqui não ficasse só nesta sala e nesta hora de encontro, como já não ficou das últimas vezes. Proponho, então, que construamos um pequeno caderno de “*gratidão e perdão*” para a nossa família. Façamo-lo em silêncio, pensando nos diferentes elementos da nossa casa, as pessoas que amamos e aquelas com quem temos maior dificuldade em nos relacionarmos. Construamos o nosso caderno, deixando-nos conduzir pela música (*Calm me Lord*, Margaret Rizza).

(o caderno será construído com folhas A5 furadas, uma folha mais grossa para a capa e contracapa que poderá ser decorada ao gosto dos participantes, fio para ligar as folhas pelos furos.)

Despedida e avaliação

Para finalizar quero agradecer mais uma vez o facto de terem aceite este desafio. Espero que tenha sido um tempo útil, formativo e familiar. Estou ao vosso dispor para colaborar na educação integral dos vossos filhos. Obrigada a todos e a cada um pela participação e partilha de vida. Agradeço ainda que preencham a folha da avaliação (Anexo 6).

CONCLUSÃO

A experiência de lecionação e contacto informal que tenho tido com as crianças e jovens ao longo dos últimos vinte anos, enquanto jovem adulta e, ultimamente, enquanto religiosa salesiana, tem-me interpelado bastante no sentido de contribuir para a sua educação integral. Neste sentido, a dimensão religiosa é claramente aquela que, mais rapidamente, a sociedade relega para um setor privado da vida, desvalorizando-a diante de outras áreas da existência humana que parecem mais importantes por se apresentarem mais eficazes. Ora o ser humano não pode ser só eficaz, quer, sobretudo, ser feliz e para sê-lo precisa de encontrar o próprio ser.

A reflexão que me propus fazer neste relatório, tem como grande finalidade interpelar as crianças, através dos seus pais, a questionar-se sobre a origem do próprio ser, bem como o sentido do mesmo. Na verdade, estas são perguntas existenciais que o ser humano sempre se colocou e continuará a colocar-se. A espiritualidade da vida, ainda que, aparentemente esquecida, tem-se revelado na busca incessante de experiências espirituais, por parte dos adultos dos nossos dias. Mais do que desaparecer, a dimensão espiritual tem-se manifestado de outras formas. Surge, deste modo, a necessidade de, como ensino religioso católico, falarmos com os encarregados de educação sobre este assunto, pois dele depende a felicidade dos seus filhos.

A sã convivência entre as pessoas alicerça-se no conhecimento e desenvolvimento da nossa abertura ao transcendente. Quanto mais educarmos o nosso espírito a abrir-se aos outros e ao Outro, mais felizes seremos, pois mais capazes nos tornamos de realizar aquilo que nos faz realmente humanos, a relação.

Foi este o caminho que procurei trilhar; apoiada pela sabedoria de alguns pensadores destes temas, mas de um modo especial, pela teoria do teólogo Karl Rahner, propus-me idealizar três sessões de trabalho com pais e encarregados de educação, no sentido de darmos tempo e espaço à reflexão e partilha de vida.

Tenho consciência da dificuldade de convocar os pais à Escola, mas também da necessidade que sentem de ajuda no acompanhamento dos seus filhos. O título: “Crianças Felizes?” pretende ser uma resposta a esta sua inquietação. Não se trata de dar soluções rápidas a um desafio tão grande, mas a ensaiar caminhos, sobretudo, através da reflexão, partilha, meditação e diferentes ações que teremos oportunidade de viver juntos.

O trabalho com os pais terá uma ressonância no trabalho em sala de aula com os alunos, de qualquer forma, é no contexto familiar que esperamos que aconteça a verdadeira “aula” onde se aprende a “viver juntos”.

Termino com uma história que nos é relatada pelo, atual, Cardeal Tolentino Mendonça na sua obra «O Hipopótamo de Deus e outros textos». Trata-se de uma reflexão feita à volta de um comentário do atleta Nelson Évora aquando da vitória da Medalha de Ouro, nos Jogos Olímpicos de Pequim:

« “Sempre que salto, salto para o infinito”, disse ele (...) o infinito é esse aberto que não acaba... Nos programas biográficos que, em seguida, as televisões dedicaram ao atleta, comovi-me a olhar para as instalações desportivas mais do que precárias num centro escolar (...) Aquele cenário poderia servir para contar uma história completamente diferente (...) Transcender-se, ir mais além, ir mais longe, sabendo que isso implica que cada um se tenha encontrado humildemente com os seus limites e plenamente com as suas possibilidades. Num tempo de tectos baixos e de metas imediatas, como parecem ser os nossos, “saltar para o infinito” constitui uma impopular aposta. Mas a esperança pede de nós coragem e risco.»

BIBLIOGRAFIA

Sagrada Escritura

- BÍBLIA DE JERUSALÉM, Paulus, São Paulo, 1985.

Documentos do Magistério

- PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Alegria do Evangelho (Evangelii Gaudium)*, Paulinas, Prior velho, 2013, 2ª edição.

- PAPA BENTO XVI, *Carta Encíclica Deus é Amor (Deus Caritas est)*, 39, Paulinas, Prior Velho, 2008, 6.ª edição.

- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA,
http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s1c1_26-49_po.html.

- PAPA PAULO VI, *Homilia de dia 1 de janeiro 1975*, in http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19750101.html, consultado a 17/08/2018 às 11:00.

Documentos Curriculares

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Perfil dos alunos à saída da Escolaridade Obrigatória*, MEC, 2017.

- SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica 2014*, SNEC, Lisboa, 2014.

Relatórios

- DEBRAY, R., *Rapport :«L'enseignement du fait religieux dans l'École laïque»*, 2002.

- DELORS, J., (Coord.), *Educação um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, UNESCO, Brasília, 1998, http://dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf.

- FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO, *Declaração de Incheon - Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos*, UNESCO, 2015.

- OSCE/ODIHR, *Principios Orientadores de Toledo sobre la Enseñanza acerca de las Religiones y Creencias en las Escuelas Públicas*, Varsóvia, 2008, <https://www.osce.org/es/odihhr/29155?download=true>.

- BOGARD, G., *Pour une Éducation Socialisatrice des Adultes*, Conselho da Europa, Estrasburgo, 1991.

Monografias

- ARENDS, R., *Aprender a ensinar*, Editora da McGraw-Hill em Portugal, Amadora, 1999.

- ARENDS, R., *Aprender a ensinar*, 7ª ed., Mc Graw Hill, Lisboa, 2008.

- CANÁRIO, R., *Educação de adultos: um campo e uma problemática*, Educa, Lisboa, 1999.

- CHERKAOUI, M., *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, Mem Martins, 1987.

- FRANKL, V., *O Homem em busca de um sentido*, Lua de Papel, Alfragide, 2012.

- MARTIN VELASCO, J., *Introducción a la fenomenología de la Religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1978.

- MENDONÇA, T., *O Hipopótamos de Deus e outros textos – Cristianismo e Cultura*, 2.ª edição, Assírio e Alvim, Lisboa, 2010.

- RAHNER, K., *Curso fundamental sobre la fe - Introducción al concepto de cristianismo*, Editorial Herder, Barcelona, 1979.

- RAHNER, K., *Perigos no catolicismo de hoje*, União Gráfica, Lisboa, 1963.

- RAHNER, K., *Mission et Grâce*, Mame, Paris, 1963.

- RUIZ DE LA PEÑA, J.L., *Imagen de Dios: antropología teológica fundamental*, Sal Terrae, Santander, 1988.

- SANTOS, J.C., *Obra poética - Aprender a estudar*, citado em Manual de EMRC 5.º ano, SNEC Fundação, Torres Novas, 2015

- SESBOÜÉ, B., *Karl Rahner- Initiations aux théologiens*, Les éditions du Cerf, Paris, 2001.

- SESBOÜÉ, B., *Pensar e viver a fé no terceiro milénio. Convite aos homens e mulheres do nosso tempo*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2001.

- VALADIER, P., *Fraqueza do político, força do religioso*, Edições Piaget, Lisboa, 2014.
- VALADIER, P., *La Iglesia en Proceso. Catolicismo y sociedad moderna*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1990.
- VALADIER, P., *L'anarchie des valeurs, Le relativisme est-il fatal?*, Albin Michel, Paris, 1997.

Artigos

- MARTIN VELASCO, J., «La situation religiosa de los jóvenes en Europa», *Mision Joven Digital*, 2007. http://www.misionjoven.org/07/04/363_3.html .
- MARTIN VELASCO, J. «Religião e dimensão humana de transcendência», *Communio* 6, 1989.
- RAHNER, K., «Sobre la unidad del amor a Dios y el amor al prójimo», in *Escritos de Teologia*, vol. VI, Taurus, Madrid, 1961-1969.
- SAVATER, F., «O valor de educar», in *O valor de educar, o valor de instruir*, Fundação Manuel dos Santos, Porto Editora, Lisboa, 2010.
- TERRA, D., «Experiência transcendental e existência concreta: Explorando o pensamento de Karl Rahner», *Didaskalia* 37:1 (2007).

SITIOS ELETRÓNICOS

- http://multimedia.expresso.pt/ataques_terroristas_mundo/, consultado a 23 de maio de 2017, às 13h.
- http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros, obtido em 28/11/2016.
- http://www.cm-cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/3_sociodemografia_socioeconomia_parque_habitacional.pdf, obtido em 28/11/16.
- <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=2147283>.
- http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19750101.html, consultado a 17/08/2018 às 11:00

LEGISLAÇÃO

- Decreto-Lei n.º 75/2008, Artigo 6.º, n.º 1 a).
- Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho.

ANEXO 1 - Dinâmica da agenda

Desenvolvimento:

A dinâmica tem duas finalidades: fazer interagir as pessoas de forma a “quebrar o gelo” inicial e proporcionar um momento de discussão sobre o tema, a pares.

Consiste em dois momentos:

1.º - Solicitar aos participantes que escrevam o nome de outras pessoas nas diferentes horas do dia (conforme a grelha). É preciso ter atenção para não combinar com mais do que uma pessoa na mesma hora.

2.º - Quando todos tiverem um nome em cada hora, passa-se à fase seguinte: proporcionar encontros por horas. O animador começa a dizer as horas do dia e o tema de conversa para esse momento: “Começa o dia, são 9h, vamos procurar a pessoa com quem combinamos o encontro e pedimos-lhe que nos apresente a sua família, fazendo nós de seguida o mesmo”.

Os participantes têm cerca de 3 minutos para cada encontro.

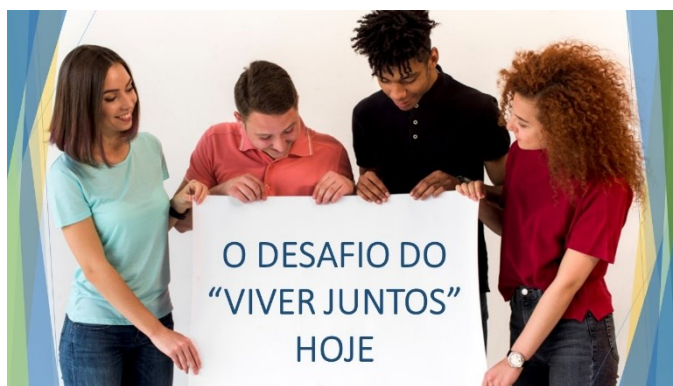
Materiais: Grelha para o animador

HORAS	11 OUT
9	Apresenta a tua família.
11	Como diria a alguém, como está a crescer o meu filho/a?
12	O que é mais difícil para ti no trabalho com os outros?
15	É necessário vivermos em grupos? Porquê?
18	Como vives a tua espiritualidade?

Grelha para os participantes

HORAS	11 OUT
9	Nome:
11	Nome:
12	Nome:
15	Nome:
18	Nome:

ANEXO 2 – Apresentação de powerpoint da 1.ª sessão



“VIVER JUNTOS”: um desafio necessário



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

2

Vestígios pré-históricos



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

3

Relação parental



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

4

Uma ferida primitiva na condição humana



"Caino uccide Abele"
di Tintoretto (1550-1553).

03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

5

A modernidade

- Autonomia do sujeito
- Exaltação da razão e da ciência
- Privatização do religioso
- Secularização



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

6

Pós-modernidade



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

7

Pós-modernidade



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

8

Ateísmo ideológico e militante

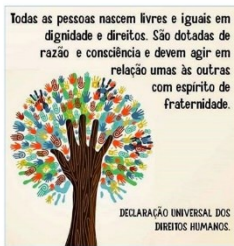


03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

9

Iniciativas pelas Paz



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

10



ATUALIDADE

03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

11



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

12

«O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos». AE 52



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

13

«Não a uma economia de exclusão e desigualdade»
AE 53



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

14

«A cultura do bem-estar anestesia-nos (...) enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma» AE54

Educação: um Tesouro a descobrir

- *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

15

Perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória

- cidadão que valorize o respeito pela dignidade humana, pelo exercício da cidadania plena, pela solidariedade para com os outros, pela diversidade cultural e pelo debate democrático; que rejeite todas as formas de discriminação e de exclusão social.



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

16

Intolerância religiosa



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

17

Religião vs Espiritualidade

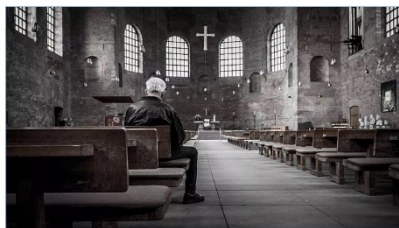


03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

18

Religião vs Espiritualidade



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

19



Tarefa em família

- Ver vídeo em família
- Identificar as características de um grupo



Ser Humano é cuidar...



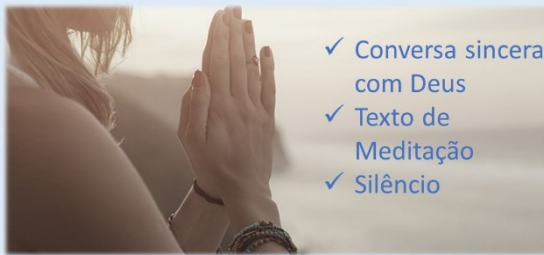
03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

5



Cuidar a Mulher/o Homem espiritual



- ✓ Conversa sincera com Deus
- ✓ Texto de Meditação
- ✓ Silêncio

03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

7

Há que esperar pelo Espírito



- Porque paras?
- O meu Espírito não me consegue acompanhar!
Tenho de esperar por ele!

03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

8

O que é o Homem?



Desejo infinito



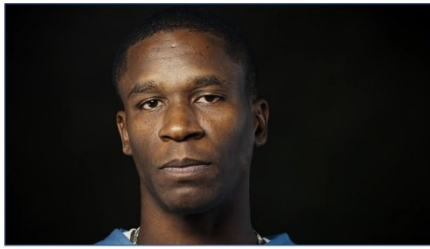
Desejo de infinito

03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

9

O Amor vem do lugar mais improvável

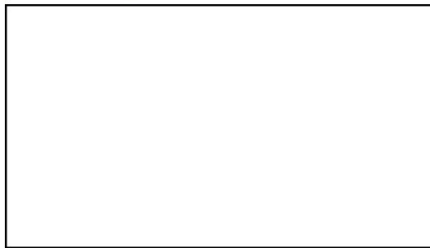


03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

10

Desejo de Salvação - FELICIDADE?



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

11

FELICIDADE?

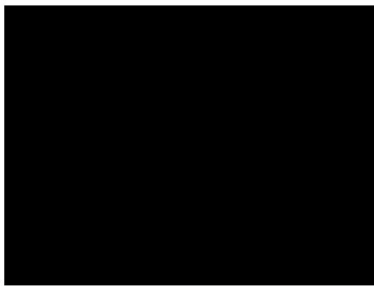
«Na realidade, é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera quando nada do que encontráis vos satisfaz.»
(S. João Paulo II)

03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

12

O MISTÉRIO DA VIDA



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

13

CONCLUINDO...



03/10/2019

O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

14



Anexo 4: Higiene do Homem Interior

Uma das primeiras lições que se aprendem na “Escola da *Espiritualidade Prática*” é que a vida no seu melhor, que é o que todos procuramos, não acontece por acaso! Deus criou-nos criadores de nós próprios, e capacita-nos a realizarmos sempre o melhor das nossas possibilidades. Está connosco, está por nós, mas não em nosso lugar. Ama-nos como a “menina dos seus olhos”, mas não nos infantiliza na sua relação connosco. O Seu Amor por nós faz-nos *ser, crescer e lutar!*

Por isso, damo-nos conta de que sonhos como a Felicidade não são simplesmente utopias para a vida toda! O que é isso de “vida toda”?! O que existe chama-se “Hoje”! *Ontem* já lá vai... *amanhã* ainda não veio! É *Hoje* que tenho que ser feliz, se o quiser ser também *amanhã*. De manhã, ao acordar, posso decidir ser feliz ou infeliz!

A “lei quotidiana da Felicidade” pode ser esta: criar o hábito de limpar a mente de pensamentos negativos, deixando emergir pensamentos positivos de confiança em Deus, em mim e nos outros.

A criação de hábitos depende de nós! Por isso, esta sabedoria prática de ser feliz ou não, está nas nossas mãos! É opção nossa, cada manhã, decidirmos ser os nossos *melhores amigos* ou os nossos próprios *carrascos*.

Um dos segredos fundamentais para esta sabedoria de coração é a capacidade de parar, meditar, reflectir, escutar no silêncio... Estar a sós, orar, conversar com Deus para descobrir todos os dias “o trilho da Paz”... Chamemos-lhe a “*Higiene do Homem Interior*”. Se damos tanta importância quotidiana à *higiene do Homem Exterior*, porque nos esquecemos do *Homem Interior*?! Há sempre tempo para um banho, um perfumezinho, cortar a barba ou arranjar o cabelo... há sempre tempo para nos sentarmos a comer uma refeição... há sempre tempo para tomar um cafezinho e “arejar” um pouco... Mas há muitas pessoas que se tivessem o *Homem Exterior* tão descuidado como têm o *Homem Interior*, veriam toda a gente a passar para o outro passeio quando andassem na rua!

O que eu te proponho é o seguinte: dá diariamente ao *Homem Interior* pelo menos o mesmo tempo de *Higiene* que dás ao *Homem Exterior*. Faz assim: num dia normal, sem preguiças sem correrias, contabiliza o tempo que gastas com cuidados de higiene: pela manhã, depois de acordar, todos os hábitos que tens... durante o dia, antes e depois das refeições, lavando os dentes, as mãos ou a cara... ao chegar a casa, ao fim da tarde... à noite, antes de dormir... No fim do dia, pega num lápis e num papel e soma todos esses bocadinhos. Esse é mais ou menos o tempo que gastas por dia cuidando da *Higiene do Homem Exterior*. Portanto, eis o compromisso: começa a reservar o mesmo tempo por dia para cuidares da *Higiene do Homem Interior*. Escolhe a melhor altura, o melhor período do dia, o melhor lugar... Escolhe a melhor postura e o melhor método, mas pára! Um pequenino texto dos evangelhos, para saborear, uma conversa sincera e tranquila com Deus, algum texto de meditação que te ajude, ou pura e simplesmente o silêncio que vais fecundando com “Suspiros de Confiança”... Não digas que não tens tempo! Se vais na rua e uma pomba te faz uma asneira em cima, arranjas um tempo para cuidar da higiene que não estavas à espera de ocupar; se tens que fazer uma corrida para apanhar o metro, ou apanhas uma chuvada de Inverno, consegues chegar a casa e arranjar tempo para um banhinho e uns minutos de descanso no sofá... o tempo nunca se tem; arranja-se! Porque é mais uma questão de *motivações* do que de *ponteiros*.

O ser humano não nasce com hábitos. Os hábitos criam-se! Se temos hábitos de *Higiene do Homem Exterior*, é possível criar hábitos de *Higiene do Homem Interior*. O segredo é a *persistência*. Porque aqui não há ninguém a obrigar-nos, como as mães obrigam os pequenitos a lavar os dentes durante anos para lhes criar o hábito! É uma questão de “querer educar-se”! A *Higiene do Homem Interior* é o cuidar da limpeza da mente e do coração, cuidar da alegria da vida. É, sobretudo, pela Palavra de Deus acolhida e meditada, pelo silêncio, pelo diálogo íntimo em atitude de confiança, *Cuidar do Amor que Deus nos tem...*

Rui Santiago cssr

(<http://www.jovensredentoristas.com>)

O desafio de “viver juntos” 3.ª sessão

03/10/2019 O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE 1

BEM-VINDOS



03/10/2019 O DESAFIO DE VIVER JUNTOS HOJE

Tarefa em Família



O Amor é a forma sublime de abertura ao transcendente



Abrir-se ao transcendente

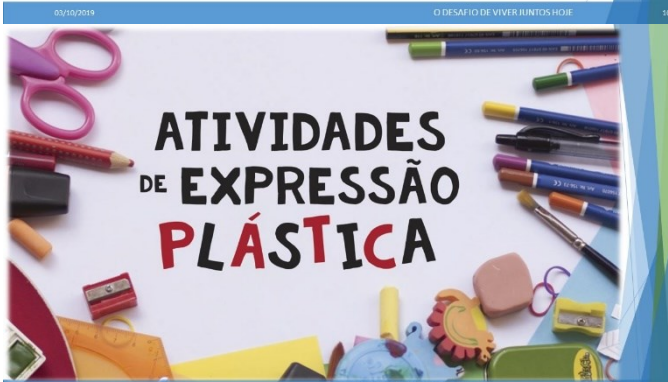
Fazer
Silêncio

Tomar
Consciência

Escutar e
Dialogar

Cooperar
com outros

Relacionar-
se com Deus



CRIANÇAS FELIZES?

PARA ATINGIR OBJETIVOS
HÁ QUE ACEITAR DESAFIOS...



ACEITA ESTE DESAFIO?

Se é encarregado de educação, Pai/Mãe/...
de uma criança que frequenta o 5º ano,
queremos partilhar e reflectir consigo sobre o
Desafio de Crescer Juntos, Hoje

 **Horário: 18:30H**

Datas: (1ª) **25.out.2019**
(2ª) **17.jan.2020**
(3ª) **24.abr.2020**

 **Local: GINÁSIO da ESCOLA**

